

**Ministério da Justiça  
Secretaria Nacional de Segurança Pública**

PROJETO BRA/04/029 - SEGURANÇA CIDADÃ

Relatório Final de Monitoramento e Avaliação  
da Aplicação dos Questionários da Pesquisa Nacional de Vitimização

PRODUTO 9

Consultora: Vanessa de Amorim Cortes

**Maio de 2011**

**Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento**

## Sumário

Introdução .....	3
PARTE 1 .....	6
1. Metodologia da Pesquisa Nacional de Vitimização 2010 .....	7
1.1. Delineamento da PNV .....	7
1.2. Amostra .....	8
1.3. Recomendações .....	13
2. Avaliação do Instrumento .....	15
2.1. Tipo 1 - SENASP .....	16
a) Diagramação e comando das questões .....	16
b) Questões e opções de respostas .....	18
c) Aplicabilidade das perguntas .....	21
2.2. Tipo 2 - UNICRI .....	22
a) Diagramação e comando das questões .....	22
b) Questões e respostas .....	22
c) Aplicabilidade das perguntas .....	23
3. Capacitação .....	24
3.1 Capacitação dos coordenadores .....	24
3.2 Capacitação dos pesquisadores de campo de Minas Gerais .....	28
3.3 Capacitação dos pesquisadores de campo da Bahia .....	34
3.4. Considerações gerais sobre as capacitações iniciais .....	38
3.5. Recapacitação no Pará .....	43
3.6. Recomendações .....	44
4. Gestão da Pesquisa Nacional de Vitimização .....	46
5. Coordenação Técnica da Pesquisa Nacional de Vitimização 2010 .....	53
6. Perfil dos Pesquisadores/Entrevistadores .....	54
6.1. Recomendações .....	55
7. Metodologia de Acompanhamento por Meio de Consultores Contratados .....	57
7.1. Recomendações .....	59
8. Considerações Finais .....	61
9. Referência bibliográfica .....	65
PARTE 2 .....	66
10. A Construção dos Dados: desafios de uma pesquisa de vitimização em âmbito nacional .....	67
1) A primeira abordagem: considerações sobre a realização da PNV em condomínios .....	69
2) A representação sobre o pesquisador .....	72
3) Realização das entrevistas .....	73
4) Considerações finais .....	77
5) Referências .....	78

## Introdução

O Ministério da Justiça através do Projeto BRA/04/029 – Segurança Cidadã da Secretaria Nacional de Segurança Pública - SENASP e com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD no ano de 2010 a Pesquisa Nacional de Vitimização – PNV. No período de junho a novembro, foi realizado por um grupo de consultores independentes<sup>1</sup> o monitoramento externo e avaliação das atividades de coleta de dados da PNV, realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha. Este relatório final representa a consolidação das informações de monitoramento no período de junho a novembro de 2010, pela consultora Vanessa de Amorim Cortes, conforme locais e datas abaixo:

- 9 a 18 de julho de 2010 – Belo Horizonte/MG
- 19 a 25 de julho de 2010 – Salvador/BA
- 26 a 31 de julho de 2010 – Belém/PA
- 02 a 06 de agosto de 2010 – Abaetetuba e Bragança/PA
- 10 a 15 de agosto de 2010 – Salvador e Camaçari/BA
- 16 a 22 de agosto de 2010 – Betim, Sete Lagoas, Belo Horizonte, Ribeirão das Neves e Esmeraldas/MG
- 23 a 30 de agosto de 2010 – Rio Branco/AC
- 09 a 13 de setembro de 2010 – Camaçari, Salvador, Mata de São João e Santo Amaro/BA
- 14 a 20 de setembro de 2010 – Belo Horizonte, Betim e Sete Lagoas/MG
- 21 a 26 de setembro de 2010 – Belém, Ananindeua e Marituba/PA
- 13 a 17 de outubro de 2010 – Belém, Ananindeua e Paragominas/PA
- 18 a 24 de outubro de 2010 – Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Carandaí e Ipatinga/MG
- 25 a 30 de outubro de 2010 – Salvador, Lauro de Freitas, Camaçari, Araci e Jacobina/BA
- 12 a 16 de novembro de 2010 – Salvador e Lauro de Freitas/BA
- 17 a 22 de novembro de 2010 – Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Itabira e Pitangui/MG
- 23 a 28 de novembro de 2010 – Abaetetuba, Belém e Marituba/PA

A tabela a seguir traz as informações organizadas sobre os questionários realizados por cidade e mês, é importante ressaltar que o numeral zero indica que, apesar de haver acompanhamento na cidade naquele mês, não foi realizada nenhuma entrevista monitorada.

---

<sup>1</sup> Os consultores foram contratados a partir de edital público, com a exigência de requisitos mínimos: Graduação em Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Ciências Sociais, História, Psicologia ou Comunicação Social; Experiência mínima de 03 (três) anos na elaboração, implantação e monitoramento de Políticas Públicas; Experiência mínima de 03 (três) anos na realização de pesquisa quantitativa, preferencialmente na área da segurança pública.

TABELA1: NÚMERO DE ENTREVISTAS MONITORADAS POR CIDADE E MÊS							
UF	Cidades	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	
AC	Rio Branco	-	7	-	-	-	7
BA	Salvador	6	0	-	-	1	7
BA	Araci	-	-	-	6	-	6
BA	Camaçari		9	0	-	-	9
BA	Jacobina	-	-	-	2	-	2
BA	Mata de São João	-	-	3	-	-	3
BA	Santo Amaro	-	-	3	-	-	3
MG	Belo Horizonte	9	0	1	0	4	14
MG	Betim	-	1	0	-	1	2
MG	Carandaí	-	-	-	4	-	4
MG	Esmeraldas	-	1	-	-	-	1
MG	Ipatinga	-	-	-	5	-	5
MG	Itabira	-	-	-	-	3	3
MG	Pitangui	-	-	-	-	4	4
MG	Ribeirão das Neves	-	0	-	2	-	2
MG	Sete Lagoas	-	3	2	-	-	5
PA	Belém	7	-	1	-	0	8
PA	Abaetetuba	-	5	-	-	2	7
PA	Ananindeua	-	-	2	3	-	5
PA	Bragança	-	7	-	-	-	7
PA	Marituba	-	-	2	-	1	3
PA	Paragominas	-	-	-	5	-	5
	<b>TOTAL</b>	<b>22</b>	<b>33</b>	<b>14</b>	<b>27</b>	<b>16</b>	<b>112</b>

Nestes quatro estados brasileiros foram:

- Realizados 68 acompanhamentos, sendo 42 pesquisadoras acompanhadas, 19 pesquisadoras foram acompanhadas mais de uma vez;
- Identificadas ausência de pesquisadores durante a permanência na cidade, assim não houve pesquisadora em campo uma vez no Pará, duas vezes em Minas Gerais e oito vezes na Bahia;
- 83 setores acompanhados, sendo 11 visitados mais de uma vez;
- Acompanhadas 112 aplicações de questionário;
- Deslocamento a 41 cidades, sendo 10 visitadas mais de uma vez;
- 55 deslocamentos terrestres intermunicipais e aéreos interestaduais.

Este documento está dividido em duas partes, na primeira estão sistematizados dados do monitoramento através das subdivisões: Metodologia da Pesquisa de Vitimização 2010; Treinamento; Gestão da PNV; Avaliação do Instrumento; Coordenação Técnica; Perfil dos Pesquisadores/Entrevistadores; e Metodologia de Acompanhamento por Meio de Consultores Contratados.

A segunda parte é dedicada ao artigo “Construção dos dados: desafio de uma pesquisa de vitimização em âmbito nacional”, elaborado a partir da vivência em campo que visa a discutir os desafios para a realização de uma pesquisa de vitimização considerando as diferenças econômicas, regionais e culturais.

# PARTE 1

## 1. Metodologia da Pesquisa Nacional de Vitimização 2010

A Pesquisa Nacional de Vitimização é uma pesquisa domiciliar por amostragem da população brasileira, sendo realizadas entrevistas com 70.000 moradores – a partir de 16 anos de idade - das 26 capitais, distrito federal e 273 municípios sorteados entre cidades com população superior a 15.000 habitantes<sup>2</sup>.

Segundo o manual do Entrevistador da PNV (2010), o objetivo da pesquisa é obter dados sobre:

- “a frequência, a natureza e as circunstâncias de diversos crimes e violências que vitimam pessoas dentro de um período estipulado, tais como homicídio, agressões, roubos, furtos, etc.
- a experiência das vítimas com o sistema policial, os motivos de procurar ou não as polícias em cada tipo de crime, a avaliação de cada polícia e do atendimento recebido, bem como das atitudes dos policiais.
- os fatores de exposição ao risco e as percepções e atitudes dos entrevistado(a)s diante das desordens urbanas, dos crimes e das violências, assim como as diversas medidas tomadas pelas pessoas para prevenir os delitos” (p.4).

Nos tópicos a seguir será exposta sistematicamente a metodologia da PNV, analisando a sua viabilidade prática. É fundamental ressaltar que, o monitoramento ocorreu exclusivamente na capacitação dos coordenadores regionais e pesquisadores e na aplicação do questionário, não havendo informação detalhada ou acompanhamento das discussões do Conselho Gestor da PNV, Datafolha, CRISP, SENASP e PNUD sobre a definição da amostra, delineamento da PNV e metodologia de forma geral. Assim, não é possível fazer uma descrição aprofundada sobre essas questões, sendo pertinente, no entanto, analisar o impacto das decisões metodológicas na coleta de dados.

### 1.1. Delineamento da PNV

A PNV é uma pesquisa por amostragem, representativa da população brasileira moradora em cidades com mais de 15 mil habitantes nas regiões de vitimização definidas pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. A PNV focou em homens e mulheres com 16 anos ou mais, morador de uma das 300 cidades selecionadas (ver item 1.2. Amostra), independente de ter sofrido vitimização. Esta opção metodológica difere da Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização 2007,

---

<sup>2</sup> Manual do Entrevistador da Pesquisa Nacional de Segurança, página 04.

realizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, pelo Instituto de Segurança Pública - ISP, no qual previamente mapeou a população vitimizada, sendo a pesquisa realizada 50% com pessoas vitimizadas e 50% com indivíduos que não sofreram vitimização.

A pesquisa foi domiciliar, ou seja, a escolha aleatória da pessoa entrevistada levou em consideração o domicílio desta, bem como, a entrevista era realizada preferencialmente na casa do indivíduo selecionado. Os pesquisadores do Datafolha foram orientados a não realizar entrevistas por telefone. Zaluar, Monteiro e Leon (2006) consideram que além de todos os domicílios não terem telefone fixo, em especial os de baixa renda, em entrevistas por telefone, não é possível sistemática e aleatoriamente o respondente, resultando a recorrência de pessoas com o mesmo perfil, as que ficam em casa durante o dia.

Foram adotados três períodos de referência de acordo com o questionário utilizado (ver item 1.3 Tipo de questionários utilizados). No questionário tipo 1, o período de referência na parte de crimes foi de “os últimos doze meses”, nos demais blocos o período de referência foi, conforme a pergunta, “atualmente” ou “toda a vida”. No questionário tipo 2, o período de referência na parte de crimes foi “nos últimos cinco anos”.

Os desafios de mapear eventos de violência ou criminalidade após o ocorrido dependem, além da confiança em quem coleta a informação, na memória do entrevistado, que pode incluir alguns dados e excluir outros.

Outro desafio é a construção de uma série histórica com dados coletados ao longo de, pelo menos, dez meses, uma vez que houve a ampliação do prazo<sup>3</sup> para a finalização da coleta de dados. Assim pessoas entrevistadas em julho de 2010 pelo questionário tipo 01, têm como período de referência julho de 2009 a junho de 2010, e pessoas entrevistadas em junho de 2011 terão como período de referência junho de 2010 a maio de 2011. Embora o período de referência para o bloco de crimes seja de um ano, no questionário tipo 01, haverá informações referentes a julho de 2009 e dados sobre 22 meses depois. Embora tenha metodologia, tamanho de questionário e objetivos distintos da PNV, o IBGE realizou a coleta do Censo 2010 em quatro meses, realizando entrevistas com moradores de 58 milhões de domicílios.

## 1.2. Amostra

---

<sup>3</sup> A previsão inicial para a finalização da coleta de dados da PNV era de oito meses. O que já coloca um desafio para a comparação.



Como já foi ressaltado, não será analisado aqui o tamanho da amostra, uma vez que não houve o acompanhamento das discussões que definiram o número de 70.000 entrevistas nem o perfil das cidades que seriam selecionadas.

O sorteio dos municípios ocorreu a partir da classificação dos municípios em 112 estratos (regiões de vitimização definidas pelo PRONASCI). Em cada região foram sorteados alguns municípios – no total de 273 municípios – e em cada município sorteado foram selecionados setores censitários<sup>4</sup>, em cada um destes foram sorteados 10 domicílios. O total de setores censitários por município foi proporcional ao número de habitantes.

Como os mapas dos setores censitários elaborados pelo IBGE foram feitos no Censo 2000, portanto, estavam desatualizados, coube aos pesquisadores do Datafolha fazer a arrolagem do setor censitário, ou seja, a contagem de domicílios. Assim, eram anotadas e numeradas em ordem crescente todas as residências de um setor censitário a partir de um percurso pré-definido, sendo realizado o sorteio entre os domicílios habitados, através da escolha aleatória de 10 números, pela equipe técnica do Datafolha localizada no escritório, em São Paulo.

A cada dois setores censitários, foi aplicado um questionário tipo 2 (UNICRI) em um domicílio previamente definido, sendo os demais tipo 1 (ver item 2). Na residência selecionada para o questionário tipo 2, o morador a ser entrevistado foi selecionado através do critério “próximo morador a fazer aniversário”, e na residência que foi aplicado o questionário tipo 1, a seleção foi feita através do cruzamento de duas informações - nº de mulheres X nº de pessoas - em uma das 32 tabelas pré-estabelecidas, para tanto o pesquisador tinha identificar todos os moradores com 16 anos ou mais.

Os pesquisadores deveriam trabalhar em duplas – um homem e uma mulher – em cada setor, uma vez que a entrevista foi metodologicamente pensada para ser realizada com um pesquisador do mesmo sexo do entrevistado. Assim, se o morador sorteado fosse uma mulher, a entrevista deveria ser realizada por uma pesquisadora, caso o sorteio fosse feito por um homem, este deveria agendar, ou ao menos, pegar informações de contato da moradora selecionada, e repassar o questionário para uma pesquisadora.

Acompanhei poucos casos aonde os pesquisadores, de fato, trabalharam em dupla, sendo mais frequentes nas cidades do interior. As duplas e, em alguns casos, trios atuaram, na maioria das vezes, de forma harmônica e complementar. Porém, chamam a atenção duas experiências opostas encontradas

---

<sup>4</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “o setor censitário é a menor unidade territorial, com limites físicos identificáveis em campo, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do território nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do país”. (Soares, Borges e Campagnac, 2008, p.22)

nas equipes do Datafolha atuantes nas cidades de Carandaí e Ipatinga, conforme registrado no RELATÓRIO 05, página 16:

“É interessante comparar os dois grupos de pesquisadores encontrados nas cidades de Carandaí e Ipatinga. Ambos eram formados por um trio, duas mulheres e um homem, porém, enquanto em Carandaí, eles trabalhavam em equipe, socializando informação e facilitando a abordagem para o outro, em Ipatinga, havia nitidamente uma dupla, formada por um casal de namorados, e uma pesquisadora que trabalhava sozinha, repassando ao pesquisador apenas os questionários cujos sorteados eram homens. As conversas informais me levaram a crer que o pesquisador só passava questionários femininos para a sua namorada e parceira de pesquisa, além de haver comentários depreciativos de uma pesquisadora sobre a outra e vice-versa”.

Acompanhei apenas um caso, no qual a entrevistadora realizou a entrevista com um homem, sendo que, segundo informação da coordenação regional, o questionário foi descartado. Se houve outros casos de pesquisadora realizando entrevista com homem ou vice-versa não foi possível identificar com a metodologia de monitoramento adotada pelos consultores, ou seja, de acompanhamento da entrevista *in loco*.

Uma questão que chamou a atenção foi o repasse de questionário para pessoa do sexo diferente quando os pesquisadores não atuavam em dupla. Algumas pesquisadoras reclamavam que os mesmos vinham com sem informações necessárias, segundo elas, alguns(mas) pesquisadores(as) não fazem esta coleta de informações inicial, pois consideram que isto consiste em um trabalho não remunerado, uma vez que o pesquisador só é pago se entregar o questionário todo preenchido. Ou seja, ele(a) propositalmente não anota as informações de abordagem, localização e contato dificultando o trabalho do pesquisador que receberá o questionário. Foi observado também que algumas pesquisadoras acompanhadas durante o monitoramento foram a campo, com questionários recebidos dos pesquisadores apenas com o endereço do questionário a ser realizado, não sendo disponibilizados a elas a folha de arrolamento e o mapa do setor censitário, o que dificulta a localização do domicílio sorteado, além de impossibilitar a substituição conforme o disposto no manual do pesquisador.

Há dois métodos de substituição de domicílio ou morador que, depois de autorizados pela equipe de planejamento, o pesquisador deveria adotar um dos procedimentos abaixo conforme o contexto:

<b>Havendo recusa de morador ou + 3 tentativas</b>	Se já ocorreu o sorteio (caracteriza recusa de morador)	deve-se procurar na residência seguinte uma pessoa com o mesmo perfil
	Se não houve sorteio (caracteriza recusa de domicílio)	deve-se fazer o sorteio na casa seguinte

Na prática, houve uma flexibilização pelos pesquisadores deste procedimento metodológico. Durante a capacitação da equipe de pesquisadores de campo em Minas Gerais, nos dias 21 e 22 de junho de 2010, alguns pesquisadores manifestaram descaso com a metodologia, conforme registrado no RELATÓRIO 01, página 11:

“Durante a explicação da metodologia ouvi pesquisador comentando com o colega ao lado que achava a aplicação de rodízio uma “bobagem”, e também a necessidade de a entrevista ser realizada com pessoa do mesmo gênero e ter que voltar três vezes em um domicílio se havia outra pessoa na casa para responder.”

Muitas pesquisadoras acompanhadas, ao relatarem o histórico do setor censitário visitado, indicavam que estavam obedecendo à metodologia de substituição de domicílio. Porém, como não houve acompanhamento continuado de um pesquisador até o fechamento do setor censitário, não é possível mapear estas substituições, mas algumas pesquisadoras disponibilizaram informações preciosas sobre a dinâmica do setor censitário. Conforme a tabela abaixo.

<b>Tabela 2: Fluxo do setor censitário 2327</b>		
<b>Prado, Belo Horizonte/MG</b>		
<b>Domicílio</b>	<b>Histórico (antes do dia 18/10)</b> <b>Informação da pesquisadora</b>	<b>18/10</b>
Rua Ametista, 125	Sorteio M, realizada, OK	
Rua Platina, 409/103	Três tentativas. SUBSTITUÍDA	
(SUBSTITUIÇÃO) Rua Platina, 409/102		Abordou identificando-se como Datafolha e que gostaria de conversar sobre uma pesquisa. A moradora pediu para voltar no dia seguinte.
Rua Ametista, 696/501	Residência ocasional. SUBSTITUÍDA	
(SUBSTITUIÇÃO) Rua Ametista, 696/404	Sorteio H	
Rua Ametista, 552/600	Sorteio M, realizada, OK	
Rua Ametista, 571c	Sorteio M, realizada, OK	
Rua Cássia, 346/102	Três tentativas. SUBSTITUÍDA	
(SUBSTITUIÇÃO) Rua Cássia, 346/101	Duas tentativas	NE
Rua Esmeralda, 140/402	Recusa. SUBSTITUÍDA	
(SUBSTITUIÇÃO) Rua Esmeralda 140/401	Sorteio H	
Rua Cássia, 441/201	Três tentativas. SUBSTITUÍDA	
(SUBSTITUIÇÃO) Rua Cássia, 441/101	A empregada informou que só moram homens	
Rua Cássia, 517	Três tentativas. SUBSTITUÍDA	
Rua Safira, 140	Sorteio M, realizada. OK	
Rua Cássia, 416	Sorteio M, realizada. OK	

FONTE: relatório 5, página 19.

Poucas pesquisadoras acompanhadas pelo monitoramento aplicaram de fato o “rodízio” nas perguntas do questionário que indicavam este procedimento metodológico. Mas de fato, o que houve maior frequência de erro foi na “substituição por perfil”, quando ocorre o sorteio no domicílio e o morador sorteado não é encontrado ou não aceitava fazer a entrevista. Neste caso, pesquisadoras buscavam um morador com o mesmo perfil de forma aleatória, conforme exemplifica a substituição descrita abaixo:

“A terceira entrevista foi realizada com uma senhora de 43 anos, após a autorização de substituição pelo perfil dada pela coordenação do Datafolha. A pesquisadora para realizar a substituição não utilizou a folha de arrolamento, em vez disso, seguiu a direção do arrolamento perguntando nas casas de fácil acesso se havia alguma moradora com o perfil. Entre a casa sorteada (linha 31) e o domicílio substituto (linha 51) tinham vinte casas, sendo abordadas, de fato, no máximo sete.” (RELATÓRIO 3, página 35)

Algumas pesquisadoras ao abordarem uma moradora escolhiam entre as tabelas do questionário tipo 01 que no cruzamento do número de moradores com o número de mulheres na residência, o resultado seria ela.

### 1.3. Recomendações

A metodologia de coleta da informação da PNV é criteriosa, possível de ser aplicada e atende aos objetivos de obtenção de dados confiáveis e assegurar uma amostra representativa da população brasileira.

A metodologia da PNV exige tempo, compreensão, dedicação e atenção de quem realiza as entrevistas. A partir da observação dos pesquisadores aplicando os questionários aos moradores de diferentes cidades, é possível afirmar que a metodologia é viável e não deve ser alterada. No entanto, também, foi possível constatar a dificuldade no cumprimento da metodologia pelas coordenações regionais, expondo, como isto, a precarização do trabalho dos pesquisadores de campo, seja por uma remuneração e ajuda de custos consideradas por eles como sendo insuficientes, seja por uma frágil capacitação. Sendo estes dois fatores agravados pela ausência de uma supervisão equipe técnica qualificada no campo.

A remuneração não compatível com o trabalho realizado, falta de vínculo profissional, ganho por produtividade, frágil capacitação, pouca compreensão do instrumento e ausência de supervisão técnica constante e qualificada resultaram em uma combinação que fragilizou a metodologia da PNV.

Em suma, para o cumprimento da metodologia deve se buscar mão de obra qualificada para a sua aplicação, que se traduz em seleção e treinamento adequados, remuneração e ajuda de custos compatíveis e supervisão técnica constante de conteúdo e procedimentos.

---

Por último, vale observar que, como as coordenações regionais não conseguiram garantir a constância dos pesquisadores em campo – uma vez que estes são prestadores de serviço autônomos – o ritmo da coleta de dados foi comprometido. Com a interrupção do monitoramento, não é possível afirmar o quanto tempo de adiamento foi necessário, mas recomendo que a próxima edição da PNV haja cláusula contratual que defina tanto o tempo total de realização, quanto o número de entrevistas realizadas por mês, para tanto é necessário assegurar equipes constantemente no campo, podendo ser avaliado a viabilidade de contratos de curta duração com os pesquisadores de campo, exigindo destes dedicação a PNV.

## 2. Avaliação do Instrumento

Este tópico visa a discutir o instrumento utilizado para a coleta dos dados da 1ª PNV, no que tange aos enunciados, opções de respostas, diagramação, comando das questões, aplicabilidade das perguntas, adequação dos temas frente ao universo da amostra, compreensão das questões pelos entrevistadores e entrevistados e vieses.

Para a realização da PNV foram utilizados dois tipos de questionários:

- Questionário tipo 1 ou questionário SENASP - elaborado pela SENASP e Conselho Gestor a partir do questionário utilizado, em 2006, pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, considerando 01 ano como o período de referência, ou seja, pretende-se identificar a vitimização ocorrida nos últimos doze meses.
- Questionário tipo 2 ou questionário UNICRI – elaborado pelo Instituto Interregional de Criminologia das Nações Unidas, metodologicamente considera 05 anos como o período de referência. A metodologia e as perguntas do questionário são as mesmas utilizadas em 80 países. No caso do Brasil, as perguntas foram traduzidas do inglês para o português.

**Tabela 3: QUADRO SINÓPTICO COMPARATIVO  
ENTRE OS QUESTIONÁRIOS DA 1ª PNV**

	<b>Tipo 1</b>	<b>Tipo 2</b>
Elaboração	SENASP/ Conselho Gestor	UNICRI
Período de referência	01 ano e a vida toda	05 anos
Local de aplicação	Brasil	80 países
Seleção de entrevistado no domicílio	Cruzamento de informação (nº de mulheres X nº de pessoas) em uma das 32 tabelas pré-estabelecidas	Morador do domicílio que será o próximo a fazer aniversário
Número previsto de questionários aplicados	66.500	3.500
Percentual de questionários no universo da PNV	95%	5%
Número de questionários acompanhados	108	4
Percentual de questionários acompanhados	96,4%	3,6%
Vantagens apontadas	Criar uma série histórica Comparação entre cidades/ estados/ região Direcionado para a realidade brasileira	Criar uma série histórica Comparação entre cidades/ estados/ região Comparação entre países

Dos cento e doze questionários acompanhados, 04 (quatro) foram do tipo 2 (UNICRI), ou seja, 3,6% dos questionários aplicados, o que se aproxima do universo previsto para a aplicação deste questionário, mas em termos absoluto possibilita pouca análise em termos de recorrência.

## 2.1. Tipo 1 - SENASP

### a) Diagramação e comando das questões

O questionário tipo 01 da PNV é extenso e complexo e não recebeu um trabalho de diagramação que possibilitasse a identificação visual dos comandos de pergunta e distinção das orientações aos



pesquisadores. No geral, é um questionário visualmente poluído, com muitas informações importantes que não estão devidamente destacadas e padronizadas.

A utilização, por exemplo, de letras maiúsculas e em negrito podem tanto indicar uma orientação de conduta para o pesquisador quanto um texto para ele ler em voz alta para o entrevistado. Conforme os itens abaixo:

- Exemplos de comando ou orientação que não deve ser lido em voz alta pelo entrevistador

(Página 1)

**ATENÇÃO PESQUISADOR CONFIRME O NÚMERO DE MORADORES COM 16 ANOS OU MAIS NA CASA.  
MARQUE NA PLANILHA O NÚMERO DE MULHERES E DE ADULTOS NA CASA**

(Página 6)

**APLICAR RODÍZIO**

- Exemplo de comando ou orientação em que parte deve ser lido em voz alta e parte não deve ser lido

(Página 3)

**ATENÇÃO PESQUISADOR – LEIA PARA O ENTREVISTADO: AGORA, VOU FAZER ALGUMAS  
PERGUNTAS SOBRE ATIVIDADES DO SEU DIA-A-DIA**

- Exemplo de comando ou orientação que deve ser lido para o entrevistado

(Página 5)

**AGORA, FAREI PERGUNTAS A RESPEITO DE CRIMES OU DE SITUAÇÕES DE  
VIOLÊNCIA DE QUE O(A) SR(A) POSSA TER SIDO VÍTIMA NOS ÚLTIMOS 12 MESES,  
CONSIDERE OS ÚLTIMOS 12 MESES O PERÍODO QUE ESTÁ NESSE CARTÃO  
(ENTREGUE CARTÃO PERÍODO DE REFERÊNCIA).  
ANTES DE PROSSEGUIR, LEMBRE-SE DE QUE FURTO É DIFERENTE DE ROUBO.  
O FURTO ACONTECE QUANDO ALGUÉM LEVA ALGUMA COISA DO(A) SR(A) SEM QUE  
O(A) SR(A) PERCEBA.  
O ROUBO ACONTECE QUANDO ALGUÉM AMEAÇA OU USA A FORÇA PARA TOMAR  
ALGO DO(A) SR(A).**

A pergunta P26, mostra um exemplo de orientação ao pesquisador “ler explicação apenas se houver dúvida” que não se encontra em negrito conforme outras orientações ao longo do questionário.

(Página 5)

P. 26. **(PARA TODOS)** E alguma vez o(a) Sr(a) foi vítima de sequestro relâmpago? (LER EXPLICAÇÃO APENAS SE HOUVER DÚVIDA - é um crime, em que a vítima é mantida por um curto espaço de tempo,

geralmente poucas horas. O tempo que a vítima permanecerá com os sequestradores será apenas o necessário para que os mesmos façam compras e saques em dinheiro com seus cartões de crédito e saques bancários com cheques assinados pela vítima)

Há comandos iguais em diferentes perguntas que não estão padronizados. Exemplo:

(Página 2)

P.5. Atualmente o(a) Sr(a) é: **[LEIA ATÉ A INTERROGAÇÃO - ESTIMULADA E ÚNICA]**

P.8. Em relação à orientação sexual, o(a) Sr(a) diria que é : **(LEIA ATÉ A INTERROGAÇÃO) (LEIA DEVAGAR)**

(Página 8)

P.35d. Quais foram os principais motivos que levaram o(a) Sr(a) a ficar SATISFEITO/INSATISFEITO **(LEIA DE ACORDO COM A RESPOSTA DA PERGUNTA ANTERIOR) (EXPLORE: Qual mais? Mais algum? ESPONTÂNEA E MÚLTIPLA) (CONSULTE CARTÃO 2)**

Embora a orientação sobre a utilização dos cartões de opções de resposta tenha sido passada em todas as capacitações acompanhadas e contar no manual do entrevistador, pesquisadores confundiram o comando de “Consulte cartão” mostrando o cartão para o entrevistado, quando este cartão deveria ser utilizado, após a entrevista para a classificação pelo entrevistador da resposta do entrevistado, exemplo P50b “consulte o cartão 1”.

De uma forma geral, a diagramação do questionário SENASP não possibilita a imediata identificação visual dos comandos e orientações pelo pesquisador. É necessário que na próxima edição da PNV os questionários tenham um tratamento de diagramação das questões e padronização de comandos e orientações a fim de minimizar os erros e facilitar a aplicação do questionário pelos entrevistadores, com a utilização de gradações de cores nos comandos, utilizando cinza para o que não deve ser lido em voz alta, isto tanto nos comandos quanto nas opções de respostas espontâneas.

## **b) Questões e opções de respostas**

Nas entrevistas acompanhadas por mim, houve recorrência em algumas questões de dúvidas tanto por parte da entrevistada quanto da pesquisadora, isto se deve por falta de atenção na leitura, má formulação e/ou ausência de informações no enunciado.

Abaixo a sistematização das perguntas identificadas com problema na aplicação devido ao enunciado ou opções de resposta:

- **P4:** Na resposta desta questão, há duas caixas uma para ano e outra para meses, algumas pesquisadoras buscaram detalhar os anos e meses em que o entrevistado mora na cidade, inclusive quando este reside há mais de um ano. Assim, exemplo, a entrevistada responde que mora há 57 anos e a pesquisadora estimula a ela dizer quantos meses, causando um esforço e gasto de tempo desnecessários;
- **P8:** A pergunta está mal formulada por duas razões, gerando dúvidas nas entrevistadas: 1º) foca no fato de a pessoa ser sexualmente ativa; 2º) As opções quando lidas parece que o pronome possessivo no final da frase se refere à pessoa entrevistada. Assim, “heterossexual, isto é, alguém que só tem relações sexuais com pessoas do sexo diferente do **seu**”, se for perguntada a uma mulher leva a crer que, heterossexual é aquela pessoa – homem ou mulher – que tem relações sexuais com homem.
- **P39a:** Ao perguntar se a pessoa estava presente no momento do roubo do carro, pretende-se saber se ela foi diretamente vitimizada. Se ela não estava, então, outra pessoa teve este contato direto com os criminosos. Caso ninguém tenha tido este contato, não houve um roubo, e sim, um furto! Ao responder esta pergunta foi possível identificar que os entrevistados confundem roubo e furto.
- **P138 e P138a:** Erro freqüente das pesquisadoras, por falta de atenção ao comando e por não entenderem a diferença entre as perguntas. Na primeira pergunta o que se quer saber se o entrevistado conhece alguém que sobre agressão física ou verbal por ter determinada preferência ou característica. Na P138a, se quer saber se, independente de ele conhecer ou não, ele presenciou alguém sofrendo agressão física ou verbal por determinada orientação, preferência ou característica.
- **P143 item J:** Os entrevistados estão compreendendo a pergunta de duas formas diferentes: 1ª) Que poderia contar com os vizinhos para denunciar juntamente com ele a ocorrência de crimes; 2ª) Que o vizinho tomaria a iniciativa de denunciar um crime.
- **P143 item G:** erro comum entre as pesquisadoras por falta de atenção, pois se a pessoa entrevistada não tiver carro, não é necessário perguntar se ela acha que pode contar com os vizinhos para tomar conta do seu carro.
- **P146 itens D e E:** Alguns entrevistados estão respondendo de acordo com a idéia central das sentenças sem considerar que a frase está na negativa, e isto não está sendo percebido por algumas pesquisadoras.

- **P146 item E:** A frase esta gerando dúvidas entre os entrevistados e entrevistadores sobre o que se quer saber. Outro ponto dentro desta questão é que alguns não compreendem a subjetividade da categoria “valores” considerando-a como sinônimo de bens financeiros ou matérias.
- **P148:** Algumas pesquisadoras não estão atentas ao fato que há entrevistados que estão avaliando como **péssimo** um serviço que, na verdade, não é oferecido, nestes casos deveria-se marcar **não tem**. Ex, se não há policiamento a pé naquela localidade deve marcar **NÃO TEM**, em vez de **PÉSSIMO**.
- **P151:** A pergunta sobre se a residência tem ou não algum dispositivo de segurança tem gerado dúvidas nos moradores de edifícios, pois não sabem se devem responder pelo sistema de segurança exclusivo do seu apartamento ou o coletivo do condomínio.
- **P161:** Algumas pesquisadoras não fazem esta pergunta a viúvas, solteiras ou divorciadas, pois pressupõem que ela não tem um(a) companheiro(a).
- **P162:** Esta pergunta visa a identificar se houve mudança de hábitos sociais do entrevistado por causa da violência. Há falta de atenção de alguns pesquisadores para identificar se independente da violência, por exemplo, o entrevistado não sai à noite porque não gosta, ou ainda se não tem hábito de pegar transporte coletivo ou freqüentar locais com grande concentração de pessoas.
- **P163:** O termo “pensando na vizinhança” tem gerado dúvidas na entrevistada, se ela deve responder se teme ser vítima de algum crime cometido pelos vizinhos ou se por ela morar naquele local pode ser vitimizada.
- **P163a:** O enunciado desta questão não tem sido lido na íntegra. A pessoa pode ser solteira, viúva, divorciada ou casada e temer ser vítima de agressão por parte do seu marido, ex-marido, esposa, ex-esposa, companheiro ou ex-companheiro.
- **P163, P166a e P167:** Com freqüência os entrevistados não percebem a diferença entre esses três blocos de perguntas. Abaixo uma tabela com as principais diferenças:

<b>Tabela 4: Quadro Sinóptico das Principais Diferenças entre as Perguntas P163, P166a e P167</b>			
	<b>P163</b>	<b>P166a</b>	<b>P167</b>
<b>Foco territorial pré-determinado</b>	Vizinhança e proximidade da residência	Não tem	Não tem
<b>Tempo a ser considerado</b>	Presente	Presente	Futuro
<b>O que se quer saber</b>	Se o local aonde mora desencadeia medo no entrevistado	Se a pessoa tem medo, de forma geral	Se o entrevistado considera que há uma possibilidade real de sofrer um crime. Avaliação dos riscos.

- **P168b:** O pesquisador não está atento ao fato que o entrevistado só poderá avaliar o serviço se tiver feito uso.
- **P182:** Algumas entrevistadora não deixa a entrevistada definir quem é o chefe da família, perguntando o nome do marido e em alguns casos considerando inclusive como chefe da família o cônjuge falecido.

### c) Aplicabilidade das perguntas

O acompanhamento da realização da pesquisa em edifícios e casas, em bairros de classe alta e favelas, nas capitais e cidades do interior deu a dimensão dos desafios da construção de uma pesquisa nacional sobre um tema que afeta todas as cidades, mas são particularmente mais sentidos nos centros urbanos das capitais. As entrevistas com pessoas com perfis diferentes revelaram a dificuldade com a compreensão de algumas categorias e conceitos importantes na PNV, bem como a incompreensão de determinadas construções de pergunta, conforme foi discutido no tópico anterior.

Uma questão que apareceu de forma muito clara neste mês foi a dificuldade na compreensão de perguntas e opções de resposta do questionário SENASP. As opções de resposta à pergunta P8, sobre orientação sexual, são incompreensíveis a maioria das entrevistadas, porém, elas não aceitam dar a resposta “não sei”, insistindo na compreensão, algumas estão se declarando “bissexual” ou “homossexual” sem, aparentemente, entenderem o que isto, de fato, significa. Também é importante destacar que, o vocabulário utilizado (discriminação, estelionato) e perguntas que exigem reflexão são de difícil apreensão para pessoas idosas e com pouca instrução.

(Relatório 3, referente ao mês agosto, página 40)

As categorias “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual” se revelaram desconhecidas por algumas mulheres entrevistadas em particular idosas e com pouca ou nenhuma instrução, sendo que os complementos explicativos das opções de resposta são confusos, ou seja, não ajudaram a esclarecer. Presenciei mulheres afirmando serem bissexual ou homossexual e narrarem histórias e estrutura familiar que refletia uma relação heterossexual. É importante atenção no impacto da má compreensão desta pergunta, pois indica que haverá um número maior de pessoas cuja orientação sexual é homossexual e bissexual, podendo alterar os dados sobre vitimização ou discriminação sexual relacionado a pessoas deste grupo.

Alguns entrevistados e entrevistadores mostraram desconhecimento sobre conceitos fundamentais na gramática da vitimização: fraude; estelionato; asfixia; amedrontamento; perseguição; discriminação, preconceito e divergência de opinião; Polícia Civil e Polícia Militar; roubo e furto.

Outro ponto que merece atenção é a confusão entre cidade/município/região metropolitana/estado/zona urbana que entrevistadas que moram na região metropolitana, que moram em bairros não centrais em cidades do interior ou que moravam na zona rural e se mudaram para a zona urbana.

Não raro, essas confusões não eram notadas ou não foram consideradas pelos entrevistadores.

## **2.2. Tipo 2 - UNICRI**

### **a) Diagramação e comando das questões**

Não foi identificado problemas específicos neste questionário, no que tange aos comandos. Assim como o questionário SENASP/tipo 1 é recomendável a diagramação das questões e padronização dos comandos a fim de que a identificação visual do questionário favoreça a aplicação diminuindo a possibilidade de erros.

### **b) Questões e respostas**

Algumas perguntas do questionário foram mal traduzidas, embora não comprometeram a compreensão das frases. Sugiro a elaboração de perguntas com sentenças mais diretas.

De forma geral, é questionário fácil de ser compreendido e tem um bom ritmo. Não identifiquei problemas em relação às perguntas e opções de respostas.

### **c) Aplicabilidade das perguntas**

As considerações realizadas no tópico 2.1 “c” se aplicam a este tópico.

### 3. Capacitação

A empresa responsável pela aplicação do questionário, Datafolha, programou duas etapas de capacitação. A primeira, realizada em São Paulo, teve como objetivo capacitar os 15 (quinze) coordenadores regionais. A segunda etapa, realizada por cada coordenação regional, visou à instrução dos pesquisadores de campo. A seguir a descrição destas etapas, sendo que as coordenações regionais acompanhadas foram a de Minas Gerais e Bahia.

#### 3.1 Capacitação dos coordenadores

Entre os dias 07 e 09 de junho de 2010, foi realizado no centro de convenções do Hotel San Raphael, no Largo do Arouche nº150, São Paulo, o treinamento dos coordenadores regionais do Datafolha para a aplicação dos questionários I e II (SENASP e UNICRI, respectivamente) a moradores em todos os estados brasileiros. Para isso foi proposta e seguida a programação abaixo:

##### 1º dia (07/06/10):

- Introdução e objetivos da Pesquisa Nacional de Vitimização
- Histórico de pesquisa de vitimização
- Arrolamento do setor censitário
- Seleção dos domicílios e seleção dos entrevistados
- Aspectos administrativos do projeto (exclusivo para a equipe do Datafolha)

##### 2º dia (08/06/10):

- Compreendendo o questionário SENASP
- Como agir diante das recusas
- Compreendendo o questionário UNICRI
- Aspectos administrativos do projeto (exclusivo para a equipe do Datafolha)

##### 3º dia (09/06/10):

- Ida a campo para treinamento *in loco* dos tópicos abordados
- Discussão sobre a experiência prática



- Conversa entre coordenadores e consultores

### A) Treinamento e conteúdo

Para acompanhar esta programação foram distribuídas a todas as pessoas presentes pastas contendo: questionário Tipo 1 (SENASP), questionário Tipo 2 (UNICRI), 9 cartões com opções de resposta, manual do pesquisador de campo, programação, carta de apresentação da pesquisa domiciliar, mapa de um setor censitário, caderno para anotações, lápis e caneta.

A primeira atividade do dia foi conduzida por Cláudio Beato, coordenador do CRISP, que utilizando uma apresentação em Power Point apresentou o histórico das pesquisas de vitimização, destacando a sua relevância para a formulação de políticas públicas, a possibilidade de compreender as discrepâncias entre a vitimização e o que é registrado pela polícia e o ineditismo deste tipo de pesquisa em âmbito nacional no Brasil.

A pesquisadora Yolanda Catão, que integra o Conselho Gestor, complementou a apresentação de Cláudio Beato discorrendo sobre a importância dos dados quantitativos e os problemas existentes atualmente, como a carência de dados estatísticos, a falta de integração dos dados do sistema de segurança pública e justiça criminal e a dificuldade que os pesquisadores encontram para acessar as fontes.

Yolanda Catão explicou o porquê de essa pesquisa estar utilizando dois tipos de questionário – SENASP e UNICRI. Sendo que, o questionário UNICRI possibilitará comparar as taxas de vitimização entre países, pois a metodologia e os questionários são padronizados. Yolanda acrescentou que, no Brasil, houve cerca de 20 pesquisas regionais, estaduais ou municipais, porém cada uma teve uma metodologia e período de referência própria, o que inviabiliza a comparação entre os resultados delas.

Rodrigo (CRISP/UFGM), utilizando como apoio o Power Point e fazendo referência ao Manual do Pesquisador<sup>5</sup>, discorreu sobre os objetivos da pesquisa, universo (70 mil moradores permanentes com 16 anos ou mais em municípios com mais de 15 mil habitantes) O sorteio dos municípios ocorreu a partir da classificação dos municípios em 112 estratos (regiões de vitimização definidas pelo Programa Nacional de Segurança pública com Cidadania – PRONASCI). Em cada região foram sorteados alguns municípios, e em cada município sorteado foram selecionados setores censitários, em cada um destes serão

---

<sup>5</sup> Há diferenças entre a versão do Manual do Pesquisador apresentada e trabalhada durante a capacitação dos coordenadores regionais e a versão distribuída aos pesquisadores. Este tópico será melhor trabalhado no tópico 2, Considerações.

sorteados 10 domicílios. O pesquisador do CRISP acrescentou que no próximo ano a pesquisa deverá ser feita nos mesmos municípios, o que configura uma pesquisa painel.

Rodrigo foi o responsável por trabalhar o conteúdo do Manual do Pesquisador no que se refere a “Postura do Pesquisador” (pág. 08-16), destacando a importância da padronização da aplicação do questionário - pois ele será aplicado no Brasil todo, pois a não-uniformização do procedimento impactará o resultado final da pesquisa.

Antônio, coordenador de campo do Datafolha, tratou os tópicos setor censitário, arrolamento e substituição de entrevistado. Utilizando o manual do entrevistador explicou a metodologia da arrolagem, o significado do “exclusive” quando está relacionado setor censitário, os tipos de domicílio – sendo que só é considerado um domicílio quando há cozinha. Destacou que antes de haver a substituição é necessário fazer três visitas, em dias e horários distintos – é possível visitar mais do que três vezes, mas oficialmente é necessário três.

No segundo dia de treinamento, Rodrigo (CRISP) utilizando o manual do pesquisador (p. 46) abordou o tema “Apresentação do Entrevistador e da Pesquisa”, discorrendo sobre os tipos de erros e como deve proceder antes da pesquisa, mostrando a carta e não sendo muito específico sobre o tema. Utilizou duas frases:

- “Estamos interessados em como as pessoas estão vivendo atualmente”
- “Estamos conversando com as pessoas desta cidade para ver como elas se sentem em relação à situação da segurança hoje”.

Acrescentou que no Datafolha haverá a lista nominal de todos os pesquisadores e que é importante observar os procedimentos (contidos no manual) de registro dos dados. Em seguida fez a apresentação do questionário SENASP, sendo o questionário UNICRI apresentado pelo sociólogo Túlio Kahn na parte da tarde.

No terceiro dia houve a divisão dos participantes do treinamento em grupos para fazer a atividade prática de arrolamento, na parte da tarde houve o debate sobre as experiências.

## **B) Estratégia de campo**

A estratégia para iniciar o campo foi começar as entrevistas nos setores censitários classificados como “simples” nas capitais, em um segundo momento as equipes iriam para o interior e depois voltariam às capitais para realizarem a pesquisa nos setores censitários “complexos”. A definição como simples e complexos está relacionada à expectativa de facilidade de realizar as entrevistas, sendo considerado, por

exemplo, como de difícil acesso, os domicílios de classe alta e os de classe baixa em áreas que tenham a presença e/ou domínio territorial do tráfico de drogas ou milícias.

Alguns coordenadores regionais defenderam que há uma boa entrada em “áreas de risco”, sendo a dificuldade na classe alta.

### **C) Pré-teste**

Segundo a equipe do Datafolha, foi realizado sem problemas o pré-teste em algumas cidades. Cada questionário levou em média 1 hora para ser realizado.

Os coordenadores regionais explicitaram a importância da escolha dos pesquisadores, porém não foi mencionado o perfil profissional ideal para este trabalho.<sup>6</sup> Acrescentaram que funcionou bem o trabalho em dupla.

As Coordenadoras regionais falaram da importância de se compreender o projeto e a dificuldade em selecionar homens para este trabalho, ainda mais em um ano eleitoral, quando há freqüentes pesquisas de opinião eleitoral.

### **D) Arrolamento – treinamento *in loco* e debate**

Os participantes do treinamento foram divididos em grupos para fazer o arrolamento. Participei do grupo formado por: Odete (Coordenadora de campo São Paulo); Geni (coordenadora de campo São Paulo); Quitita (coordenadora regional Minas Gerais); João (coordenador regional Amazonas); Lucimara (equipe técnica do Datafolha); Marivaldo (coordenador regional Acre); e Flavia (consultora PNUD).

O treinamento ocorreu no setor 02, no distrito de Bela Vista, São Paulo-SP. O setor censitário era composto por quatro quarteirões, mas o grupo só conseguiu arrolar 02 quarteirões. No primeiro quarteirão o tempo gasto foi de 37 minutos e no segundo cerca de 1 hora e 30 minutos.

O setor era constituído na maior parte por casas, poucos prédios e algum comércio. O status residencial é classe média e média alta. No geral a receptividade foi boa, as ruas internas eram tranqüilas com poucos carros e pessoas passando e equipamentos públicos em bom estado e ausência de pichações nas paredes.

---

<sup>6</sup> É possível que este ponto tenha sido tratado internamente.

O arrolamento começou com o reconhecimento da área. Houve a preocupação do grupo em tirar dúvidas com o próprio morador ou vizinho sobre o tipo e número de domicílios. Alguns poucos houve identificação visual através de “sinais de ocupação”, ou seja, existência de vasos de planta, enfeites, carro na garagem... Em uma casa aonde não havia número, as pesquisadoras usaram o campo “observação” para descrever a casa e os números próximos a ela.

O arrolamento foi relativamente demorado porque o grupo optou por fazer tudo junto e a cada dúvida ou nova situação parava-se para debater ou explicar o caso.

Na parte da tarde os casos mais relevantes foram narrados pelas equipes, que geraram as seguintes orientações:

- Numerar as linhas após o término do arrolamento, para evitar erros;
- Ligar para o Planejamento em São Paulo em caso de dúvida;
- Em caso de ocupações por imigrantes ilegais, não considerar;
- Prestar atenção se há uma residência atrás de um comércio;
- Atenção ao ponto indicado para o início do arrolamento;
- Identificar o porquê do aumento/diminuição do número de moradores;
- Ter “flexibilidade na abordagem”, se um discurso não convencer deve se tentar outro;
- Se o porteiro não fornecer o número de apartamentos, contar andares e número de apartamentos por andar provável, explicitando no campo “observação” que a contagem do prédio foi feita “por estimativa”.

No caso de recusa do porteiro em fornecer o número de apartamentos, é possível também contar com o planejamento do Datafolha que dispõe de cadastro imobiliário contendo o telefone dos condomínios de várias cidades.

### **3.2 Capacitação dos pesquisadores de campo de Minas Gerais**

Nos dias 21 e 22 de junho de 2010, no prédio da Racco, na Avenida Barbacena, nº60, sala 12, bairro Barro Preto, Belo Horizonte-MG, foi realizado pela coordenação regional do Datafolha-BH o treinamento dos pesquisadores de campo para a realização da pesquisa de vitimização. Para isso foi proposta e seguida a programação abaixo:

1º dia (21/06/10):

- Treinamento Datafolha (informações gerais sobre técnicas de pesquisa e do Instituto)
- O que é vitimização?
- Postura do pesquisador

2º dia (22/06/10):

- Setor Censitário
- Apresentação do Entrevistador e da Pesquisa
- Aplicação dos questionários – tipo 01 e tipo 02

**A) Seleção dos pesquisadores e organização da equipe**

Das 9 às 10 horas, antes de começar o treinamento propriamente dito, houve o período de inscrição, análise de currículo dos novos pesquisadores e entrega de documento. Neste momento, os pesquisadores foram informados sobre os valores pagos por cada questionário e ajuda de custo. Neste momento aparentemente ainda não estava prevista a remuneração pela realização do arrolamento.

Participaram das atividades do treinamento 54 pesquisadores (antigos e novos), quatro pesquisadores antigos não puderam participar, pois estavam envolvidos em outra pesquisa, mas seriam incluídos. Apenas duas pessoas desistiram de realizar a pesquisa.

Conforme disse a coordenadora regional, a divulgação do processo seletivo se deu através do site, CRISP e por “boca a boca”. Houve a inscrição de 101 pessoas (48 pessoas se inscreveram pelo site), foram selecionados 58 pesquisadores entre novos e antigos no Datafolha. Apenas três pessoas nunca haviam trabalhado com pesquisa. Durante a seleção foi observado o interesse, a experiência e o comportamento em sala, segundo a coordenadora regional informou.

Segundo Rodrigo (CRISP) os pesquisadores do CRISP não se interessaram em fazer a pesquisa, porque a remuneração é muito baixa. Apenas três se inscreveram.

A proposta é formar 30 duplas – um homem e uma mulher – que serão responsáveis por arrolar e entrevistar setores censitários. Haverá também uma coordenação geral e duas pessoas na equipe de checagem.

A previsão da coordenação regional era começar no dia 23 de junho o arrolamento e nas próximas três semanas realizar a pesquisa na capital e na região metropolitana. Acreditava que até o final de novembro a coleta de dados da pesquisa seja concluída.

A coordenação informou ainda que desde o início existia carência de homens e excesso de mulheres.

## **B) Treinamento e conteúdo**

A coordenadora geral informou que o treinamento era para uma pesquisa nacional sobre vitimização e que em Minas Gerais seriam realizadas 6.140 entrevistas, e havia R\$130.000,00 em recursos para remunerar estas entrevistas, então cabia a cada pesquisador decidir o quanto quer deste montante. Ela conversou posteriormente comigo manifestando o seu otimismo com a pesquisa, afirmando que tinha pesquisador que iria ganhar muito dinheiro com este trabalho, e dizer o orçamento total da pesquisa era uma forma de incentivar os pesquisadores.

O treinamento propriamente dito começou às 10h25 – com 25 minutos de atraso, fazendo uma apresentação do Instituto Datafolha, para isso foi distribuída uma apostila padrão para pesquisadores. Aparentemente, esta apostila é dada pelo Datafolha em todos os treinamentos, ela contém técnicas de pesquisa e informações sobre a organização e missão do Datafolha. A coordenação leu toda apostila enquanto os pesquisadores acompanhavam a leitura pela sua apostila.

Neste primeiro momento foi ensinada a forma como deve ser preenchido o questionário (caneta azul, marcar respostas com bolinha, anular opção, assinar questionário...). Está etapa que não suscitou nenhuma pergunta dos pesquisadores terminou às 11h40.

O retorno foi marcado para 13h30. Começou às 13h45 e terminou às 17h sob manifestações de cansaço e impaciência de alguns pesquisadores.

Nesta parte do treinamento foi utilizado o manual do pesquisador (2ª versão), que foi distribuída para os pesquisadores. A coordenadora leu o manual enquanto os pesquisadores acompanhavam a leitura em seus manuais, foi muito pouco explorado o recurso ao Power Point e não foram distribuídos os cartões entre os pesquisadores, apenas mencionada a existência destes.

A coordenadora fez uma apresentação inconsistente da pesquisa e seus objetivos, o que foi complementada de forma muito oportuna e competente pelo Rodrigo (CRISP), que discorreu sobre a importância de se obter dados sobre a vitimização em âmbito nacional, sendo uma forma complementar

de subsidiar políticas públicas, sua capacidade de fazer conhecer os crimes ocultos. Que há dez anos se busca fazer este tipo de pesquisa no Brasil.

Algumas dicas importantes sobre “como fazer” foram dadas oralmente (listados no item C, “Orientações especiais e dicas”) sobre possíveis situações durante o arrolamento, sendo que a experiência obtida no arrolamento em São Paulo foi utilizada para ilustrar as dicas.

A instrução foi dada até a página 24, abordando os tópicos: a postura do entrevistador e setor censitário e arrolamento (até o final do item sorteio de domicílios).

No final da instrução do primeiro dia, fui apresentada como integrante do PNUD e que iria acompanhar algumas pesquisadoras e que estas deveriam perguntar a cada entrevistada se concordava com o acompanhamento da entrevista por um representante do PNUD. Não houve perguntas nem maiores informações sobre o meu papel na pesquisa.

No segundo dia, a coordenadora marcou 9h30 com a equipe para dar instrução sobre prestação de contas, quando foram informados que ganhariam R\$5,00 reais por dia de treinamento como ajuda de custo para a alimentação, desde que apresentasse notas fiscais de compra de alimentos, também houve ajuda de custo pelo transporte<sup>7</sup>, aparentemente, no valor de R\$10,00 por dia.

O treinamento no segundo dia teve a presença, além da Quitita, Ednalva e Rodrigo (ele saiu por volta das 16horas nos dois dias), da Renata, pertencente à equipe técnica de São Paulo, mas que não fez intervenção, ficando em uma posição de espectadora. Começou às 10h20 com a chamada dos pesquisadores, e deu início a explicação do sorteio de morador realizado no questionário tipo 01.

Durante a explicação da metodologia ouvi pesquisador comentando com o colega ao lado que achava a aplicação de rodízio uma “bobagem”, e também a necessidade de a entrevista ser realiza com pessoa do mesmo gênero e ter que voltar três vezes em um domicílio se havia outra pessoa na casa para responder.

Houve um intervalo de 12h10 as 13h50. Na parte da tarde foram passadas todas as perguntas dos dois questionários, pulando as perguntas que se repetiam nos blocos. Na leitura do questionário faltou ênfase em alguns conceitos e verificar se os pesquisadores estavam entendendo da mesma forma. Assim, não

---

<sup>7</sup> Talvez este valor seja maior, esta informação sobre ajuda de custo de transporte não me foi dada diretamente, deduzi o valor ao ver os recibos preenchidos pelos pesquisadores e comentários entre eles.

foi explicada a diferença entre polícia civil e polícia militar, o que é ouvidoria de polícia, corregedoria de polícia e disque-denúncia.

Uma pesquisadora chamou a atenção para o fato de a definição furto aparecer diferente no questionário e no manual: No manual e no Box explicativo (p.5, questionário tipo 1), no qual é definido “furto acontece quando alguém leva alguma coisa do(a) Sr(a) sem que o(a) Sr(a) perceba.” E na pergunta 19 e 21, “levou sem utilizar força ou fazer ameaça”.

Foi dito que a pesquisa trabalhará com dois questionários. Mas não foi aprofundado o motivo disto. A diferença marcada foi em relação às perguntas, período de referência, tamanho e procedimento de sorteio do entrevistado. Foi dito também enquanto o questionário tipo 1 demora 50 minutos o tipo 2 é aplicado em 26 minutos. Informou-os que, a cada dois cluster, será aplicado um questionário tipo 2.

Foi explicado o procedimento de substituição (após autorização da equipe de planejamento):

- Se já ocorreu o sorteio, deve-se procurar na residência seguinte uma pessoa com o mesmo perfil;
- Se não houve sorteio (recusa de domicílio), deve-se fazer o sorteio na casa seguinte.

Durante o treinamento os pesquisadores conversavam entre si sobre dúvidas em relação aos valores pagos e faziam perguntas a coordenação sobre os procedimentos burocráticos da contratação. A apresentação da pesquisa de vitimização não gerou perguntas dos pesquisadores, embora uma parte dos pesquisadores se mostrasse entusiasmada com o trabalho. Algumas poucas dúvidas foram manifestadas sobre a inclusão de hotéis, pousadas e república como residência e sua classificação a partir da existência de uma, múltiplas ou nenhuma cozinha.

### **C) Orientações especiais e dicas**

Abaixo, a lista de algumas orientações especiais que foram passadas ao longo da capacitação:

- Em relação à segurança do pesquisador. Qualquer problema ou suspeita deve-se abandonar o campo;
- Não entrar na casa, fazer a entrevista na porta ou na varanda;
- Ter cuidado com o material, não é permitido dar o material para outra pessoa sem ser a coordenação regional;



- No caso de encontrar uma casa sem número durante o arrolamento, o pesquisador deverá escrever algumas características da casa (cor, tipo de muro...) no campo “observações” da folha de arrolamento;
- Durante a contagem de apartamentos em um prédio o pesquisador deverá identificar os que estão ocupados, vagos, que foram unidos e se há diferença entre o número de apartamentos por andar;
- Durante o arrolamento, pegar informação com o vizinho ou comércio local sobre a situação de um imóvel;
- No arrolamento, são contados os prédios invadidos como residência se tiver mais de três meses;
- No arrolamento deve-se ver nas residências coletivas, a questão do tempo mínimo de moradia, ou seja, três meses. Nas demais residências não é necessário perguntar o tempo;
- Nas residências coletivas é importante identificar quantas cozinhas têm. Ex. se houver uma cozinha e cinco quartos é considerada uma única residência, se não tiver cozinha e tiver cinco quartos é considerado cinco domicílios;
- Só deve numerar as “linhas” da folha de arrolamento, após anotar e classificar todos os domicílios do setor censitário;
- Quando anotar os domicílios que não forem tipo 1, na folha de arrolamento, colocar um traço na coluna “número da linha”, a fim de dificultar o erro na posterior numeração das linhas;
- Se os moradores conhecem a rua por outro nome daquele do mapa, deve-se colocar este nome no campo “observações”;
- Casa social, convento, igreja, casa paroquial e asilo não serão contados como domicílio;
- Não falar que a pesquisa é sobre “violência”, “avaliação da polícia” ou “crime”;
- Se a pessoa sorteada no domicílio for uma pessoa especial será entrevistada a próxima pessoa a fazer aniversário;
- Para garantir que a entrevista seja feita sem a presença de outras pessoas, deve-se sugerir que a pesquisadora e a entrevistada mudem de lugar e não se deve pedir para as outras pessoas da casa se retirarem;
- Foi perguntado o que se deveria fazer se a mãe insistir em acompanhar a entrevista da filha menor de idade, a coordenadora orientou a “colocar toda a energia falando da seriedade do problema estudado”;

- Se a pessoa que atender a porta estiver alcoolizada ou drogada, pede-se para falar com outra pessoa, se não tiver deve-se sair do local e ligar para São Paulo;
- Deve-se ter bom senso, um adolescente (mesmo com menos de 16 anos) pode dar informação sobre as pessoas que moram na casa, para possibilitar a realização do sorteio;
- Qualquer dúvida ou mudança de contexto deve-se ligar para a coordenadora regional ou para o planejamento da pesquisa em São Paulo;
- Se no domicílio tiver mais do que dez pessoas, consideram-se apenas dez;
- Depois da terceira tentativa em encontrar o sorteado, é possível substituir por uma pessoa do mesmo domicílio desde que tenha o perfil do sorteado;
- Bolsista é considerado não-PEA;
- Deve-se treinar a entonação de voz para falar a palavra “péssimo”, para não induzir na resposta do entrevistado;

### 3.3 Capacitação dos pesquisadores de campo da Bahia

Nos dias 07 e 08 de julho de 2010, no Hotel Sol Plaza Sleep, na Avenida Otávio Mangabeira, 4581, Praia da Armação, Salvador-BA, houve a capacitação dos pesquisadores de campo da Bahia, conforme a programação abaixo:

#### 1º dia (07/07/10):

- Treinamento Datafolha (informações gerais sobre técnicas pesquisa e do Instituto)
- O que é vitimização?
- Postura do pesquisador
- Técnica de arrolamento e Setor Censitário

#### 2º dia (08/07/10):

- Esclarecimento de dúvidas sobre arrolamento
- Tipos de perguntas.
- Apresentação do Entrevistador e da Pesquisa
- Aplicação dos questionários – tipo 01 e tipo 02

#### **A) Seleção dos pesquisadores e organização da equipe**

Das 9 às 10 horas, antes de começar o treinamento propriamente dito, houve o período de inscrição, do qual não participei.

Segundo o integrante da equipe de São Paulo, foi neste momento que foi conversado com os pesquisadores a questão da remuneração, ajuda de custo e documentação necessária.

Foram convocados 60 pesquisadores, sendo a metade homens. A inscrição aconteceu a partir do site e da “propaganda” boca a boca. Estiveram presentes 57 pesquisadores, sendo 15 novos pesquisadores homens, porém com experiência em outros institutos de pesquisas. Apenas sete pesquisadores nunca trabalharam com pesquisa. Há uma lista de espera, de cerca de 30 pessoas, sendo a maioria mulheres. Oito pesquisadores desistiram de participar da equipe de PNV durante a capacitação.

Segundo o coordenador regional não houve muito interesse entre os universitários por esta pesquisa, pois a remuneração é baixa e, normalmente, eles estão desenvolvendo alguma atividade relacionada aos seus estudos, assim quando há prova ou outro compromisso na faculdade, acabam deixando a pesquisa em segundo plano.

A coordenação regional possui uma sala própria com linhas telefônicas no bairro do Imbuí, Rua Professor Pinto de Aguiar, 2475, Ed. Imbuí Torres Center, que não fica no centro da cidade. O coordenador regional é responsável por fazer a checagem dos questionários preenchidos, distribuir os mapas e esclarecer dúvidas do campo.

Embora busque a formação de duplas para a realização do trabalho, há ciência da coordenação regional da dificuldade em equiparar o número de mulheres e homens na pesquisa, pois no cadastro há o dobro de mulheres em relação ao número de homens. Desta forma, a tendência é que ocorra uma maior utilização das mulheres no arrolamento, para, na aplicação dos questionários, os pesquisadores irem, em dupla, ao setor censitário. Acrescentou que quando for para o interior irá deslocar duplas de pesquisadores, sendo um homem e outra mulher.

Segundo o coordenador regional, no final de semana serão formadas as equipes. Pretende-se começar o arrolamento dos setores censitários em Salvador tão logo chegue o material de trabalho de São Paulo.

## **B) Treinamento e conteúdo**

O treinamento propriamente dito começou às 9h50 – com 10 minutos de antecedência. O coordenador regional apresentou o representante do Datafolha do escritório de São Paulo, Luiz Barata, e a mim como representante do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, acrescentando que eu iria

acompanhar todo o processo. Foi sugerido que eu fizesse uma fala, mas optei por falar na segunda parte do dia, quando abordariam a Pesquisa Nacional de Vitimização propriamente dita.

Assim na parte da manhã, utilizando a apostila do datafolha, Luis Barata discorreu sobre técnicas de pesquisa e organização interna do Instituto Datafolha de Pesquisa. No conteúdo, técnicas de pesquisa foram abordados, de forma bem clara, os seguintes tópicos: ética do pesquisador, diferença entre enquete e pesquisa, universo, amostra, arrolamento, cota, filtro, tipos de perguntas (espontânea, múltipla, única, aberta...), checagem.

Tanto o coordenador regional quanto o técnico da equipe de São Paulo declararam que não serão tolerantes com casos de fraude a pesquisa.

Houve uma pausa entre 12h30 às 14 horas, no retorno Luiz Barata conduziu o treinamento apresentando a Pesquisa Nacional de Vitimização, utilizando o manual do pesquisador (2ª versão), abordou os temas: a pesquisa nacional de vitimização, a postura do entrevistador e setor censitário e arrolamento.

No dia seguinte, a capacitação começou às 10h20, abordando as dúvidas dos pesquisadores sobre o conteúdo do dia anterior, em especial sobre as técnicas de arrolamento. Para satisfazer a dúvida dos pesquisadores, Luiz Barata explicou didaticamente a função do arrolamento, dando várias dicas de como arrolar (ver item C). Houve uma explicação discreta sobre os procedimentos para se preencher o questionário (cor da caneta, forma de marcar a opção, alterar opção) e sobre os diferentes tipos de perguntas que o questionário possui.

Um pesquisador perguntou se haveria uma pessoa para fazer a checagem do arrolamento, foi informado que “pode ser que sim, mas que viria depois de um mês”.

Houve uma pausa para o almoço de 12h05 as 13h30. No retorno foram enfatizadas as dicas para a revisão do questionário, explicação sobre o rodízio, a sua importância para a pesquisa, técnicas de preenchimento do questionário (novamente) e os questionários tipo 1 e tipo 2, acrescentando que o tempo médio para o preenchimento do tipo 1 é entre 40 a 45 minutos. Foi explicada a diferença entre os dois tipos de questionário, pontuando que o tipo 2 possibilitaria a comparação dos dados internacionalmente. Houve a preocupação dos coordenadores do Datafolha presentes a capacitação em apresentar a lógica da pesquisa para os pesquisadores de campo.

Em todo momento foi utilizado o *Power Point*, incluindo para a apresentação dos cartões utilizados para aplicação do questionário, porém não foram disponibilizados os cartões. Durante a capacitação foi

solicitado que os pesquisadores lessem trechos do manual do pesquisador, com objetivo de obter a maior participação destes.

Os pesquisadores presentes foram muito atentos as informações, realizando, ao longo das explicações, perguntas sobre o conteúdo e metodologia da pesquisa e fazendo algumas sugestões. Foram raros os momentos de conversas paralelas.

Uma pesquisadora sugeriu fazer sempre o trabalho em dupla, pois enquanto um faz a entrevista o outro seguiria sorteando os entrevistados e marcando. A posição do técnico de São Paulo é de que a dinâmica do trabalho será definida entre as duplas e o coordenador regional.

O integrante da equipe de São Paulo, em conversa particular, comentou que acredita que o pesquisador de campo deveria conhecer todo o processo da pesquisa, a fim de qualificar melhor o seu trabalho. Acrescentou ainda que o Datafolha está fazendo um “investimento”, pois não esperam lucrar com este trabalho, a estratégia é fazer um trabalho com tanta qualidade que a escolha de outro instituto de pesquisa para realizar a PNV 2011 se torne inviável.

### **C) Orientações especiais e dicas**

Abaixo, a lista de algumas orientações especiais que foram passadas ao longo da capacitação:

- Levar para campo e consultar sempre o manual do pesquisador;
- Ter cuidado com o questionário, pois é um documento. Antes de aplicá-lo ele contém uma metodologia elaborada e que não deve ser disponibilizada a outros institutos. Após o seu preenchimento, ele terá informações sigilosas;
- O controle de campo será criterioso e eficaz com o intuito de não ampliar problemas, para tanto deverá haver o retorno constante do pesquisador;
- O entrevistado não pode ter acesso ao questionário;
- O pesquisador deve treinar a realização do questionário, para isso deve fazê-lo com um familiar;
- Durante o arrolamento, a casa paroquial será contada como um domicílio;
- No caso de habitação coletiva como república, se há apenas uma cozinha para todos os quartos, conta-se como um domicílio, mas se em cada cômodo houver uma cozinha, conta-se separadamente;

- Durante o arrolamento, se o pesquisador não conseguir a numeração correta pelo porteiro, entrar em contato com o zelador ou o síndico;
- Se o pesquisador não conseguir contato com um determinado prédio, deve ligar para a equipe de planejamento, para que estes viabilizem a realização da pesquisa no condomínio utilizando a “lista de telefone dos prédios”;
- Em última hipótese, caso não se consiga nenhum contato, pode-se substituir o setor censitário inteiro;
- A dupla deve trabalhar “afinada”, pois o trabalho rende mais;
- As exceções - ou seja, o que não está previsto no material nem na capacitação – devem ser tratadas imediatamente com a coordenação geral em São Paulo;
- Se em um domicílio houver doze pessoas, serão listadas apenas dez;
- A recusa de domicílio ocorre antes do preenchimento da tabela com os integrantes do domicílio;
- No caso do questionário tipo 2, quando a data de aniversário mais próximo for de duas pessoas (como o caso de gêmeos), a entrevista deve ser realizada com quem estiver disponível;
- O registro das respostas espontâneas discursivas deve utilizar as mesmas palavras, conjugações verbais e pronomes utilizados pelo entrevistado;
- Em caso de perguntas da imprensa, deve-se comunicar e passar para a coordenação.

### 3.4. Considerações gerais sobre as capacitações iniciais

Neste tópico será abordada de forma comparativa a capacitação dada aos coordenadores regionais com a que ocorreu nos estados acompanhados – Minas e Bahia, bem como a comparação entre estes em relação à reprodução do conteúdo passado aos coordenadores regionais no treinamento realizado em São Paulo. Abaixo o quadro sinóptico comparativo das três capacitações organizadas pelo Instituto Datafolha:

**Tabela 5: QUADRO SINÓPTICO COMPARATIVO  
ENTRE AS CAPACITAÇÕES**

	<b>São Paulo</b>	<b>Minas Gerais</b>	<b>Bahia</b>
<b>Público presente</b>	15 Coordenadores regionais do Datafolha Equipe planejamento Datafolha Equipe do MJ/PNUD (09 pessoas)	54 Pesquisadores de campo (iniciantes e experientes) 1 consultora PNUD	57 pesquisadores de campo (iniciantes e experientes) 1 consultora PNUD
<b>Responsável pelo treinamento</b>	Equipe de São Paulo Datafolha Rodrigo e Cláudio Beato (técnicos do CRISP) Yolanda Catão e Túlio Kahn (comitê gestor)	Quitita, Ednalva (coordenadoras regionais) e Rodrigo (CRISP) Renata (2ª dia, integrante da equipe de São Paulo)	Rodrigo Bernal (coordenador regional) Luiz Barata (integrante da equipe de São Paulo)
<b>Material didático</b>	Manual do(a) entrevistador(a) de campo Questionário SENASP Questionário UNICRI	Manual do(a) entrevistador(a) de campo (2ª versão) Apostila sobre o Datafolha e técnicas de pesquisa Questionário SENASP Questionário UNICRI	Manual do(a) entrevistador(a) de campo (2ª versão) Apostila sobre o Datafolha e técnicas de pesquisa Questionário SENASP Questionário UNICRI
<b>Programação</b>	<u>1º dia:</u> Introdução e objetivos da Pesquisa Nacional de Vitimização Histórico de pesquisa de vitimização Arrolamento do setor censitário Seleção dos domicílios e seleção dos entrevistados Aspectos administrativos do projeto (exclusivo para a equipe do Datafolha) <u>2º dia:</u> Compreendendo o questionário SENASP Como agir diante das	<u>1º dia:</u> Treinamento Datafolha (informações gerais sobre técnicas pesquisa e do Instituto) O que é vitimização? Postura do pesquisador <u>2º dia:</u> Setor Censitário Apresentação do Entrevistador e da Pesquisa Aplicação dos questionários – tipo 01 e tipo 02	<u>1º dia:</u> Treinamento Datafolha (informações gerais sobre técnicas pesquisa e do Instituto) O que é vitimização? Postura do pesquisador Técnica de arrolamento e Setor Censitário <u>2º dia:</u> Esclarecimento de dúvidas sobre arrolamento Tipos de perguntas. Apresentação do Entrevistador e da Pesquisa Aplicação dos questionários

	recusas		- tipo 01 e tipo 02
	Compreendendo o questionário UNICRI Aspectos administrativos do projeto (exclusivo para a equipe do Datafolha)		
	<u>3º dia:</u> Ida a campo para treinamento in loco dos tópicos abordados Discussão sobre a experiência prática Conversa entre coordenadores e consultores		
<b>Treinamento in loco</b>	Arrolamento (uma manhã), com debate em seguida	Não teve	Não teve
<b>Recurso didático</b>	Power point, explicação oral, abertura para perguntas	Power point (em alguns momentos), explicação oral, abertura para perguntas	Power point, explicação oral, abertura para perguntas.
<b>Estratégias de padronização do procedimento de coleta</b>	Capacitação visando à compreensão individual do questionário e metodologia Centralização na equipe de São Paulo o esclarecimento de dúvidas, autorização para a substituição de entrevistado e sorteio das residências.	Capacitação visando à compreensão individual do questionário e metodologia Centralização na equipe de São Paulo o esclarecimento de dúvidas, autorização para a substituição de entrevistado e sorteio das residências.	Capacitação visando à compreensão individual do questionário, metodologia e técnica de pesquisa Centralização na equipe de São Paulo o esclarecimento de dúvidas sobre exceções, autorização para a substituição de entrevistado e sorteio das residências Orientação do coordenador regional
<b>Estratégia de monitoramento entre coordenação regional e entrevistadores</b>	Não foi abordado	Equipe de checagem (duas pessoas) Pré-validação do questionário feita pela coordenadora regional	Não foi abordado.



Para iniciar o trabalho de coleta dos dados, o Instituto Datafolha organizou a capacitação da sua equipe em duas etapas, a primeira direcionada aos coordenadores regionais, ocorrida em São Paulo, e a segunda aos pesquisadores de campo, realizada nas 15 coordenadorias regionais do Datafolha pelos coordenadores regionais. Em ambas o propósito foi apresentar os questionários e a metodologia da PNV.

O cronograma previsto para a capacitação dos coordenadores foi mais extenso do que o das capacitações regionais. Na primeira, foi previsto uma parte prática, além de contar com palestrantes especialistas nas temáticas abordadas, sendo realizada durante três dias. As capacitações regionais não dispuseram do mesmo tempo, ocorrendo em dois dias, e conduzida pelo coordenador regional do local, contando com a presença de um integrante da equipe de planejamento do Datafolha e, no caso de Minas Gerais, de um especialista do CRISP.

Comparativamente, a capacitação para os coordenadores foi mais qualificada e dispôs de mais tempo, mas isto não foi o suficiente para garantir que os coordenadores regionais observados - ou seja, a responsável por Minas Gerais e o pela Bahia - não manifestassem dúvidas ou pudessem prescindir do apoio do técnico do planejamento e/ou especialista do CRISP, durante as qualificações regionais.

A metodologia das capacitações consistiu em palestras utilizando o manual do pesquisador e a projeção na tela do conteúdo dos manuais. Embora fosse recomendado aos pesquisadores que testassem o questionário através da entrevista a um familiar, este exercício, de aplicar o questionário a um par, não foi adotado durante o tempo de capacitação, com a finalidade de verificar a compreensão individual dos pesquisadores tanto na função de pesquisador quanto a de entrevistado. No geral, a leitura dos questionários foi coletiva e “corrida”, gerando poucas dúvidas e resultando a sensação de que todos compreenderam os questionários. Este é um ponto que deverá ser confirmado ou não pela observação dos pesquisadores no campo.

No treinamento dos pesquisadores de campo da Bahia comparando com o de Minas Gerais, houve a orientação mais enfática aos pesquisadores para a consulta ao manual do pesquisador e, em caso de dúvidas, a coordenação regional. Os “casos de exceção” deverão ser levados a equipe de planejamento de São Paulo. Enquanto em Minas Gerais houve a orientação para que os pesquisadores levassem todas as dúvidas e o que “fugisse do previsto” à equipe de planejamento em São Paulo. Os pesquisadores da Bahia foram pautados a levarem sempre o manual para o campo, enquanto em Minas isto não foi mencionado.

A equipe da Bahia pareceu estar mais atenta e comprometida com a PNV do que a equipe de Minas Gerais. A equipe de Minas Gerais, aparentemente, é mais heterogênea do que a equipe da Bahia, no que se refere à manifestação de interesse e compromisso com o trabalho. Em Minas havia claramente um grupo muito interessado na pesquisa e nos detalhes sobre o tema, enquanto outro estava muito disperso e com conduta pouco profissional.

Foi possível perceber durante as capacitações regionais que os coordenadores observados têm liderança no grupo, carisma e grande experiência em pesquisa, o que se confirmou nos meses seguintes.

A seguir serão destacados procedimentos, situações e aspectos observados nas duas etapas do treinamento que merecem cuidados ou que devem ser valorizados:

- **Pontos de Atenção**

- Houve uma tendência a dispersão dos pesquisadores durante os treinamentos, sobretudo nos regionais;
- Ausência de procedimentos para avaliar se houve o entendimento pelos pesquisadores da metodologia da pesquisa e perguntas dos questionários;
- Ausência de explicação sobre a diferença entre os questionários 1 e 2 na capacitação de Minas Gerais;
- Ausência de explicação sobre órgãos de segurança pública que são perguntados no questionário (Disque-denúncia, ouvidoria de polícia, corregedoria de polícia);
- Ausência de espaço para treinamento prático da PNV durante as capacitações regionais;
- Pouca sistematização de procedimentos no cotidiano do pesquisador;
- Questionamentos sobre a remuneração da pesquisa;
- Pouca clareza sobre o acompanhamento dos pesquisadores pelas coordenações regionais;
- Maior interesse de pesquisadoras mulheres em relação aos homens. Inicialmente as equipes estão com equilíbrio entre os gêneros, mas deve-se avaliar a capacidade das coordenações regionais manterem esta proporcionalidade.

- **Pontos positivos**

- Os coordenadores regionais e a equipe técnica ensinaram várias dicas aos pesquisadores de como proceder durante situações do campo;
- Existência de pesquisadores interessados na PNV e com a qualidade do trabalho do Datafolha;
- Predominância de pesquisadores de campo com experiência (com o próprio Datafolha ou outros institutos de pesquisa);
- Coordenadores regionais com capacidade de liderança e conhecimento de pesquisa.

### 3.5. Recapitação no Pará

A reunião de re-capacitação aconteceu em uma sala de reuniões do Hotel Soft Belém, das 12h até as 18horas, no dia 23 de novembro de 2010, com a participação de um representante da coordenação geral da pesquisa Luiz Barata, coordenadora regional Dayse, a assistente de coordenação e quinze pesquisadores vinculados a coordenadoria de Belém que estavam na capital na data da reunião, nenhum pesquisador foi retirado de campo do interior para participar da reunião.

Ao tomar conhecimento desta reunião, na manhã do dia 23, manifestei vontade de participar, a coordenadora regional prontamente autorizou a minha participação.

A dinâmica da reunião consistiu na leitura de uma lista com dicas, ênfase em procedimentos e erros que estão sendo identificados pela equipe de São Paulo durante a análise de consistência do banco de dados, bem como na checagem por telefone ou presencial dos questionários aplicados no Brasil. Abaixo uma lista de pontos abordados durante este encontro:

- Deu orientação a coordenação de Belém;
- O pesquisador deve entregar a carta de apresentação - foi dada uma maior quantidade de cartas para ser dado a todas as casas que abordar;
- Enfatizou a necessidade de pedir autorização para o consultor acompanhar a entrevista;
- Destacou o procedimento dos consultores no campo, que não podem intervir na realização da pesquisa;
- O pesquisador deve anotar o número de pessoas presentes na realização da entrevista;

- Listou problemas de fraude (realização com pessoas de sexo diferente, inconsistência de dados, entrevista realizada com uma mulher, mas consta o nome de um homem, inexistência de pessoa no local, exclusão de morador na realização do sorteio...);
- Informou que, nas “voltas”, os pesquisadores serão remunerados como checador, respeitando o sexo (checadora para verificar o questionário aplicado com mulheres e homens para verificar questionários aplicados com homem) e será feito por um pesquisador diferente do que aplicou o questionário. Com isso, aproveitará a volta para conferir a veracidade dos dados coletados anteriormente;
- Ressaltou que há questionários sem número de telefone ou número errado, o que impossibilita o contato. Pois, em alguns casos, quando é “volta de uma pergunta” (ou seja, ausência de resposta ou marcação errada), pode-se refazer a questão por telefone, mas quando não consta no questionário um telefone válido, é necessário retornar a residência;
- Chamou atenção para as perguntas “espremidas” que não estão sendo feitas;
- Destacou a ocorrência de perguntas em branco por não obedecer ao comando;
- Informou que a p179a e p175 devem ser feitas porque pode haver um morador que não mora atualmente.

Os pesquisadores informaram que há problemas que dificultam a realização da pesquisa, como a existência de setores censitários em área inseguras, pesquisadores sendo vitimizados (roubados, ameaçados, perseguidos com arma de fogo), traficantes achando que os pesquisadores são policiais (uma pesquisadora relatou que, por coincidência, logo depois da presença dos pesquisadores a polícia entrou em uma comunidade e prendeu traficantes), moradores achando que os pesquisadores são criminosos.

O integrante da coordenação geral informou que haverá a substituição de setores localizados em áreas perigosas.

Gentilmente, o integrante da coordenação geral franqueou a palavra a mim, quando pude destacar problemas de aplicação do questionário relacionados à falta de compreensão das perguntas do instrumento, seja por parte do pesquisador, seja pelo entrevistado. As colocações realizadas foram bem aceitas pelos pesquisadores, inclusive contribuíram exemplificando o que eu estava dizendo.

### 3.6. Recomendações

A partir do que foi observado nas atividades de capacitação e informações colhidas junto aos integrantes da equipe do Datafolha, faço as seguintes recomendações:

- Maior tempo para a capacitação dos pesquisadores de campo, dando ênfase ao treinamento prático e adoção de dinâmicas de grupo;
- Sistematização escrita das dicas transmitidas oralmente pela coordenação do Datafolha aos seus pesquisadores;
- Revisão do manual do pesquisador, contendo procedimentos transmitidos oralmente durante as capacitações
- Reestruturação e diagramação do manual do pesquisador com o objetivo de máxima identificação e compreensão do seu conteúdo, e utilizando se possível o recurso da ilustração cromática;
- Elaboração do manual do pesquisador contendo a explicação de cada pergunta e bloco de perguntas;
- Explicar aos pesquisadores os conceitos de sentimento de insegurança e segurança objetiva, visando à melhor compreensão destes do questionário.

Desde o monitoramento de julho, ficou claro a fragilidade da capacitação dos pesquisadores. Em setembro, por exemplo, a maioria das pesquisadoras monitoradas não teve um desempenho plenamente satisfatório, sendo que as entrevistadoras capacitadas no mês de agosto, cometeram mais erros do que as treinadas no mês anterior, indicando que as recomendações feitas pela equipe de monitoramento não impactaram a dinâmica de treinamento.

Diante disto, é fundamental a preparação de conteúdo específico para a re-capacitação, realização capacitação continuada e promoção de encontros periódicos entre os pesquisadores e coordenação regional para a troca de experiências.

## 4. Gestão da Pesquisa Nacional de Vitimização

Neste capítulo será discutida a gestão da PNV, a partir da visão do consultor responsável pelo monitoramento externo. É importante ressaltar que esta visão é fragmentada e limitada, uma vez não tive acesso a todo o processo e espaços de tomada de decisão dos gestores da PNV. Desta forma, a possibilidade de avaliar a Gestão da PNV ocorre a partir da análise do fluxo iniciado com a identificação de problema no campo pelo monitoramento, sua comunicação à equipe da SENASP e a incorporação ou não de medidas corretivas pelo pesquisador de campo do Datafolha.

A realização da PNV envolveu quatro instituições – SENASP, PNUD, Instituto de Pesquisas Datafolha e CRISP -, o Conselho Gestor da Pesquisa e uma equipe de sete consultores.

A SENASP, enquanto beneficiária da PNV, foi o órgão responsável por acompanhar e validar metodológica e cronologicamente a execução da pesquisa, através de uma equipe que variou de três a quatro pessoas<sup>8</sup>, não exclusivas para a PNV, sendo a coordenadora desta equipe a Diretora de Pesquisa da SENASP. Vinculado a coordenação geral estava o grupo gestor, com o papel técnico, composto por gestores, pesquisadores e/ou especialistas da área de segurança pública, contribuindo com a gestão da PNV de forma consultiva e deliberativa quando convocado pela equipe da SENASP. Como consultora, tive a oportunidade de participar apenas de uma reunião com parte do Conselho Gestor, na qual a pauta era a apresentação dos consultores e as percepções destes sobre a capacitação dos coordenadores regionais do Instituto de Pesquisas Datafolha.

A equipe da SENASP contou com uma equipe de sete consultores para a realização do monitoramento externo das atividades de aplicação dos questionários. Mensalmente, os consultores elaboraram um relatório descrevendo o campo, pontuando erros e obstáculos para a realização da PNV e fazendo recomendações para a correção dos problemas identificados. Porém coube a equipe da SENASP a definição mensal das estratégias para o acompanhamento no mês seguinte, através da realização de reunião mensal com os consultores na sede da SENASP, quando estes narravam à dinâmica de acompanhamento e os principais problemas identificados.

O PNUD, órgão contratante tanto do Instituto de Pesquisas Datafolha quanto dos consultores para o monitoramento externo, não participou das capacitações das equipes regionais e das reuniões mensais com os consultores de monitoramento e avaliação.

---

<sup>8</sup> Não está sendo considerada a equipe administrativa.

Para a aplicação dos questionários foi contratado através de licitação pública o Instituto de Pesquisas Datafolha, com sede em São Paulo e coordenações regionais em 15 (quinze) importantes capitais. O Centro de Estudos da Criminalidade e Segurança Pública – CRISP da Universidade Federal de Minas Gerais foi contratado pelo Datafolha para dar consultoria técnica sobre o tema da pesquisa.

A coordenação geral da Pesquisa realizada pelo Datafolha foi feita por uma equipe, que entre as atribuições estava a disponibilização dos mapas censitários e material de campo e através de um sistema *Call Center* prestar assistência aos pesquisadores de campo, solucionando dúvidas e imprevistos e informando as casas sorteadas e a serem substituídas. A coordenação geral do Datafolha se comprometeu com a SENASP a repassar cronogramas das atividades de campo além de obter informação sobre os relatos de campo pelos consultores, assim periodicamente relatórios sobre o seu trabalho e disponibilizou semanalmente uma planilha indicando os pesquisadores em campo.

A coordenação regional teve a função de selecionar, organizar, capacitar e acompanhar a execução do trabalho das duplas (um homem e uma mulher) de pesquisadores de campo, além de atualizar a coordenação geral do Datafolha com as dinâmicas do campo e viabilizar o monitoramento pelos consultores.

Neste cenário, foram constituídos, de fato, três níveis de gestão, porém, com problemas de informação entre eles: a coordenação geral pela SENASP, a coordenação geral pela equipe de São Paulo do Datafolha e as coordenações regionais pelas equipes regionais do Datafolha.

A equipe da SENASP se mostrou muito atenta ao desenvolvimento da pesquisa e preocupada com a qualidade dos dados coletados. Isto ficou evidente nas reuniões mensais de monitoramento e nos encaminhamentos ao Datafolha<sup>9</sup> e ao Conselho Gestor<sup>10</sup>.

A atenção aos dados e a recorrência de relatos de despreparo do pesquisador e desrespeito a metodologia da pesquisa na coleta dos dados, fez com que a partir de outubro fosse adotada a Ficha de Acompanhamento do Consultor com o objetivo de informações gerais do campo (quantos pesquisadores estavam no campo) sobre a dinâmica do campo, abordagem e avaliação do pesquisador (coleta de dados de acordo com a metodologia da pesquisa e a qualidade do profissional).

---

<sup>9</sup> Recebi cópia de e-mails direcionados a equipe do Datafolha, no qual registrava problemas metodológicos.

<sup>10</sup> A equipe da SENASP relatava nas reuniões de monitoramento, reuniões ou consultas realizadas ao Conselho Gestor.

A identificação de problemas no campo pela equipe da SENASP não se traduziu, em todos os casos, em adoção de medidas corretivas pelos pesquisadores em campo. Em alguns casos, a conduta do Datafolha foi negar a existência do problema e questionar veracidade das informações do monitoramento. Abaixo a sistematização dos problemas identificados:

**TABELA 6: QUADRO SINOPTICO PROBLEMA APRESENTADO POR MÊS**

<b>Problema identificado</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>
<u>Gestão de projeto</u> : as estratégias e cronogramas de pesquisa utilizados pelo Datafolha não são claros, transmitindo a sensação de que as ações são reativas a manifestação de insatisfação do contratante e, ao mesmo tempo, que são “casadas” com a realização de outras pesquisas – de diferentes naturezas – pelo instituto.	X	X	X	X	X
<u>Gestão de equipe</u> : a equipe gestora não apresenta estratégia para garantir a estabilidade de uma equipe de campo. Os pesquisadores possuem ampla autonomia para decidir os dias e horários que irão a campo e realizar as entrevistas, evidenciando um baixo nível de profissionalismo.	X	X	X	X	X
<u>Despreparo de alguns pesquisadores</u> : algumas pesquisadoras tiveram o desempenho insatisfatório, que podem resultar em respostas erradas ou distorcidas às perguntas do questionário. Outra consequência da abordagem inadequada é a impossibilidade de convencer o porteiro ou entrevistado a realizar a pesquisa.	X	X	X	X	X
<u>Dificuldade em compreender e/ou não utilização do mapa do setor censitário</u> : recorrentemente, as pesquisadoras que vão abordar domicílios de setores censitários que não arrolaram, perdem muito tempo na localização dos endereços, pois não compreendem o mapa ou não utilizam o mapa nem a folha de arrolamento como guia, tendo que perguntar aos transeuntes o endereço do domicílio sorteado.	X	X	X	X	X
<u>Desrespeito intencional à metodologia da pesquisa</u> : a conduta de poucas pesquisadoras me levou a crer que o desrespeito à metodologia da PNV foi proposital visando à celeridade na aplicação do questionário, com isto pode-se fazer mais entrevistas em menos tempo. É importantíssimo destacar que está conduta foi pontual e não reflete o comportamento da maioria das pesquisadoras acompanhadas.	X			X	
<u>Desrespeito à metodologia da pesquisa</u> : algumas pesquisadoras não seguiram a metodologia, mas aparentemente resultante de uma capacitação precária, e não de fraude deliberada.	X	X	X	X	X
<u>Falta de acesso aos edifícios de classe média a alta</u> : foram acompanhadas pesquisadoras em setores censitários que continham edifícios de classe média, media alta. Em todos os casos houve um número excepcionalmente	X	X		X	X



alto de domicílio sem ninguém e que após sucessivas tentativas não conseguem realizar nenhum contato.					
<u>Condições de trabalho:</u> a ajuda de custo é insuficiente para a realização dos sucessivos retornos ao campo, conforme a exigência da metodologia. O colete de material sintético usado pelos pesquisadores retém calor, causando desconforto aos pesquisadores, sobretudo, da região norte do Brasil, aonde a temperatura é constantemente acima de 30°C.	X	X	X	X	X
<u>Compreensão do questionário:</u> alguns perfis de entrevistadas, exemplo idosos semi-analfabetos, têm extrema dificuldade de compreender as perguntas e algumas opções de respostas do questionário.		X	X	X	X
<u>Vitimização e sentimento de insegurança entre os pesquisadores:</u> falta de segurança dos pesquisadores em campo, tanto no interior quanto na capital e região metropolitana. No Pará, três pesquisadores foram roubados, em setembro, e durante todo o tempo de acompanhamento da aplicação do questionário havia um clima generalizado de medo e tensão. Em Minas Gerais, a coordenadora regional relatou que os pesquisadores estão com medo de realizar entrevistas em lugares que tem a presença de traficantes armados nas ruas. Diante de tais fatos, não há estratégias para “entrada” nestes locais, ficando a cargo do “bom senso” do pesquisador.			X		
<u>Ausência de material no campo:</u> algumas pesquisadoras que recebem questionários dos pesquisadores têm ido a campo apenas com o endereço do questionário a ser realizado, não sendo disponibilizados a elas a folha de arrolamento e o mapa do setor censitário, o que dificulta a localização do domicílio sorteado, além de impossibilitar a substituição conforme o disposto no manual do pesquisador.				X	X
<u>Clareza sobre os procedimentos da PNV:</u> foi identificada divergência entre as instruções passadas aos pesquisadores de campo por telefone pela equipe de São Paulo, daquelas dadas durante a capacitação em São Paulo e as regionais acompanhadas.					X

A tabela 5 mostra que muitos problemas identificados não foram corrigidos até o fim do monitoramento.

O planejamento e o desenvolvimento do monitoramento não foram tranquilos, pois tiveram que se adequar a falta ou divergência de informação sobre a dinâmica do campo entre as coordenações geral e regional do Datafolha. Os cronogramas fornecidos semanalmente pela equipe da coordenação geral tinham dados desatualizados sobre cidades onde estava sendo realizada a pesquisa e quantidade e nome dos pesquisadores, de forma que, houve, pelo menos uma vez explicitamente o remanejamento de

pesquisadora a fim de atender as atividades de monitoramento, embora este fosse montado a partir do cronograma fornecido pelo Instituto Datafolha, conforme exemplificam as tabelas abaixo.

**Tabela 7: Número de pesquisadoras por cidade conforme a origem da informação**

<b>Cidade</b>	<b>Coordenação geral (info 1)</b>	<b>Coordenação geral (info 2)</b>	<b>Coordenação regional</b>
Belo Horizonte	5	1	3
Sete Lagoas	1	1	1
Ribeirão das Neves	1	1	2
Betim	2	6	6
Teófilo Otoni	0	0	1
Três Pontas	0	0	1
Muriaé	0	0	1
Mariana	0	0	2

Fonte: relatório 4 (referente ao mês setembro de 2010), página 14

**Tabela 8: SITUAÇÃO DAS PESQUISADORAS QUE SEGUNDO INFORMAÇÃO DO DATAFOLHA ESTARIAM REALIZANDO A PNV EM SALVADOR, EM 09/09/10**

ALBA VALERIA	Não esta fazendo pesquisa de PNV, chegou de viagem, deve começar a fazer a PNV no sábado.
CRISTINA BOCHICCHIO	Não está fazendo PNV.
EDILMA BARBOSA REIS	Telefone fora de área. "o número que você ligou não está recebendo chamada".
EDVALDINA BISPO	Ninguém atendeu ao telefone.
ELIANA DOS SANTOS	Fazendo o arrolamento da PNV em Camaçari, marquei para acompanhá-la no dia seguinte. Porém a noite informou que não terminou o arrolamento.
FERNANDA CAMPOS	Telefone ocupado - 5 tentativas. Na 6ª tentativa consegui falar com a pesquisadora que me informou que estava resolvendo assuntos da faculdade. Só iria ao campo no dia seguinte.
JOCÁSSIA DE JESUS	Liguei às 10h57, pedi para ligar em meia hora. A pesquisadora está fazendo PO em SSA, fará PNV amanhã em Camaçari e PNV sábado na Barra/Salvador.
LUZIVALDA BISPO	Ninguém atendeu ao telefone.
QUEILA SANTOS	A pessoa que atendeu ao telefone disse que a pesquisadora está em Ferrolândia, deve voltar no sábado.
SÔNIA BITTENCOURT	Ao ligar para o número indicado surge a mensagem "esse número de telefone não existe" - duas tentativas.
TAÍS DO VALE FIGUEIREDO	Disse que estava fazendo PNV em Calamares e Itapuã, tendo 04 entrevistas agendadas. Pedi para ligar novamente para "ver o horário da entrevista na agenda do telefone", mas a partir deste momento as ligações só caíram na caixa postal e depois só ocupado. Por fim, o telefone foi desligado (inúmeras tentativas).

Fonte: relatório 4, página 3.

A partir do mês de agosto a coordenação geral centralizou em uma pessoa a responsabilidade do repasse das informações principais sobre a dinâmica do campo de todos os estados. A partir de planilhas mensais, que são atualizadas semanalmente, o PNUD e o MJ são informados sobre as cidades nas quais está sendo realizada a PNV, bem como os pesquisadores envolvidos e seus contatos. Esta medida foi tomada pelo Datafolha visando a minimizar os “desencontros” ocorridos nos meses anteriores entre a equipe de monitoramento e avaliação e os entrevistadores. Porém, na prática, se por um lado, nota-se uma maior preocupação, sobretudo dos coordenadores regionais, em viabilizar o monitoramento, por outro o cronograma apresentado costuma estar “furado”, havendo um *gap* entre as cidades programadas e as que estão de fato sendo “pesquisadas”. Em alguns casos, quando é identificado o “furo” o coordenador se esforça para mandar um pesquisador somente para atender a agenda do consultor.

Chamou atenção a situação da Bahia, que, por terceiro mês, apresentou um cronograma de pesquisa diferente da dinâmica do campo. No mês de novembro, neste estado, houve a suspensão parcial do campo sob aparente desconhecimento da coordenação geral.

Outro ponto problemático é a ausência de estratégia, pela equipe gestora, para garantir a estabilidade de uma equipe de campo. Em especial nas capitais, os pesquisadores “faziam o seu horário” de forma que era difícil garantir a existência de fato do pesquisador em campo, bem como o ritmo da coleta de dados. Esses pesquisadores como não tinham dedicação exclusiva a PNV intercalavam a realização da PNV com pesquisas de outros institutos de pesquisa, assim como com outras pesquisas, principalmente eleitorais, do próprio Datafolha.

No que se refere ao instituto responsável pela realização das entrevistas domiciliares, é recomendável que garanta uma equipe gestora geral exclusiva para a PNV, apresentação de cronograma geral de trabalho e avaliação mensal do cumprimento das ações do projeto, assim como a contratação de coordenação local exclusiva para a PNV, adoção de procedimentos de prestação de contas, avaliação e responsabilização sobre o trabalho. Em relação aos pesquisadores, é fundamental um treinamento mais consistente (incluindo prática) e remuneração e ajuda de custo compatível com a qualidade que se espera do trabalho.

## 5. Coordenação Técnica da Pesquisa Nacional de Vitimização 2010

Devido à natureza da pesquisa de vitimização e sendo a primeira experiência de vulto no território nacional, era imprescindível o acompanhamento minucioso da coordenação técnica da PNV, no caso da 1ª PNV, a equipe da SENASP assumiu o papel de protagonista em vez da contratada pelo Datafolha. O CRISP elaborou os manuais e treinamento e análise do dado, mas durante a coleta, para garantir o ritmo da pesquisa e a confiabilidade dos dados, a contratada para a coordenação técnica da pesquisa teve um papel muito discreto.

A coordenação técnica deveria ter mecanismos próprios para identificar problemas metodológicos no campo, bem como capacidade de leitura qualificada para receber os relatórios de monitoramento externo da SENASP e traduzir em medidas corretivas, orientando os pesquisadores do Instituto de Pesquisas Datafolha, visando, em última instância, assegurar a qualidade dos dados coletados.

## 6. Perfil dos Pesquisadores/Entrevistadores

É possível classificar os pesquisadores em dois grandes grupos: pesquisadores-acadêmicos e pesquisadores-profissionais.

No primeiro grupo, estão os pesquisadores que tem um vínculo com a academia, são estudantes de graduação ou pós-graduação, que vêm na realização de pesquisas de opinião uma forma de obter renda para despesas dos estudos e manutenção, observando nesta ocupação uma proximidade com o conhecimento científico e considerando este momento como um período transitório até a atuação profissional de fato. Estes foram socializados na universidade com os critérios e valores acadêmicos, nos quais está a validade da pesquisa como forma de obter conhecimento.

No segundo grupo, estão os pesquisadores que vêm na realização de pesquisa de vitimização uma forma de sustento familiar, alguns já fazem pesquisa há mais de uma década, podendo ou não intercalar com outras atividades com telemarketing, vendedor de loja e atendente de padaria. Em alguns casos, a pesquisadora afirmou que fez opção por fazer pesquisa, pois possibilitava organizar o seu próprio horário ou que, com a sua formação escolar, a pesquisa garantia uma boa rentabilidade, ou ainda, que, devido à idade, não conseguiria emprego com carteira assinada. Em outros, a pesquisa apareceu com uma ocupação provisória enquanto não conseguia trabalho com carteira assinada ou por estar recebendo seguro-desemprego.

Durante o monitoramento pude identificar performance de qualidade nos dois perfis. Ilustrando com dois casos:

- Júlia (MG) - estudante de Filosofia. Tem bolsa de iniciação científica. Faz pesquisa há quatro anos para o Datafolha, 25 anos.
- Alessandra (PA) - jovem, 28 anos. Possui ensino médio. Separada, tem um filho. Já foi gerente de loja, mas optou por ser autônoma para poder fazer o seu próprio horário.

De uma forma geral, em relação aos déficits de qualificação esta o desrespeito a metodologia (ver item 1), a falta de compreensão do instrumento (ver item 2) e a dificuldade em compreender o mapa do setor censitário.

Recorrentemente, as pesquisadoras que abordam domicílios de setores censitários que não foram arrolados por elas, perdem muito tempo na localização dos endereços, pois não conseguem compreender o mapa ou, ainda, não utilizam o mapa nem a folha de arrolamento como guia, algumas vezes por opção

outras porque não é disponibilizado a elas, restando ter que ficar pedindo informação aos transeuntes sobre o endereço desejado.

No que tange a estrutura de trabalho chama a atenção a falta de apoio no campo em duas condições especiais: edifícios e lugares perigosos.

Os pesquisadores tiveram dificuldade no acesso aos edifícios de classe média a alta, a realização das entrevistas com moradores de edifícios tem sido um grande desafio para o pesquisador, que não conta com uma estrutura de apoio. É importante criar uma equipe específica para fazer a intermediação com os edifícios com domicílios sorteados, antes da abordagem do pesquisador.

Foi identificado a vitimização e sentimento de insegurança entre os pesquisadores decorrente da falta de segurança dos pesquisadores em campo, tanto no interior quanto na capital e região metropolitana. No Pará, três pesquisadores foram roubados, em setembro, e durante todo o tempo de acompanhamento da aplicação do questionário havia um clima generalizado de medo e tensão. Em Minas Gerais, a coordenadora regional relatou que os pesquisadores estão com medo de realizar entrevistas em lugares que tem a presença de traficantes armados nas ruas. Diante de tais fatos, não há estratégias para “entrada” nestes locais, ficando a cargo do “bom senso” do pesquisador.

Em relação à ajuda de custo dos pesquisadores é insuficiente para a realização dos sucessivos retornos ao campo, conforme a exigência da metodologia. As diárias de R\$40,00 não cobrem os custos necessários de duas refeições, hotel e água, o que leva os pesquisadores a fazerem grandes economias se alimentando mal e se hospedando em lugares insalubres ou na casa de conhecidos. O colete de material sintético usado pelos pesquisadores retém calor, causando desconforto aos pesquisadores, sobretudo, da região norte do Brasil, aonde a temperatura é constantemente acima de 30°C.

## 6.1. Recomendações

Considero os dois perfis aptos para a realização de pesquisas de vitimização desde que exista um preparo do profissional. Tanto o pesquisador-acadêmico quanto o pesquisador-profissional participam da pesquisa como forma de obter recurso financeiro, porém o que difere é a socialização universitária do primeiro com as etapas da produção da informação, o que faz com que seja, em tese, mais criterioso com a construção do dado. Enquanto o segundo tem um acesso fragmentado ao processo.

No entanto, é necessária a identificação de algumas competências no candidato a pesquisador da PNV, como:

- Boa dicção e leitura;
- Comunicativo;
- Boa relação interpessoal;
- Capacidade de explicar o objetivo, metodologia e aplicação da pesquisa;
- Compromisso com a realização da PNV (quantidade de horas e dias por semana);
- Compreensão das categorias e conceitos contidos no questionário PNV;
- Concordância com a metodologia.

Algumas destas competências devem ser avaliadas no processo seletivo outras após o treinamento.

Cabe à coordenação da pesquisa atenção ao treinamento independente do perfil dos pesquisadores de campo para que internalize a validade dos procedimentos, para que se sintam comprometidos com a confiabilidade dos dados da pesquisa de vitimização.



## 7. Metodologia de Acompanhamento por Meio de Consultores Contratados

Para o monitoramento da PNV 2010, o PNUD selecionou e contratou sete consultores com a previsão de assumir atribuições de:

1. Acompanhar o treinamento dos entrevistadores realizado pela Empresa ganhadora, tanto para os coordenadores regionais, como o oferecido na região em que realizará o acompanhamento, com vistas a avaliar a qualidade do treinamento, o esclarecimento quanto a natureza da pesquisa, as orientações em situações de impedimento ou recusa da entrevista e o esclarecimento de dúvidas;
2. Acompanhar o trabalho dos entrevistadores, avaliando sua experiência técnica, compreensão do conteúdo do questionário e capacidade de aplicação de entrevistas;
3. Acompanhar pessoalmente, por amostragem, a aplicação de 500 (quinhentos) questionários nos domicílios, distribuídos por todos os municípios selecionados para a aplicação da pesquisa;
4. Acompanhar os casos excepcionais levados à Empresa responsável pela realização da pesquisa visando a avaliar a efetiva padronização na solução destes casos;
5. Acompanhar os casos de substituição de setores ou domicílios, checando a efetiva necessidade de realização da substituição;
6. Verificar o cronograma de aplicação dos questionários, a fim de identificar se o mesmo se deu no mesmo período em todas as regiões geográficas;
7. Verificar a aplicação do questionário UNICRI segundo os parâmetros definidos no contrato, ou seja, 01 questionário UNICRI a cada 20 questionários da Pesquisa Nacional de Vitimização aplicados;
8. Participar das reuniões de acompanhamento em datas a serem definidas pela SENASP;
9. Informar a SENASP, através de relatórios de acompanhamento periódicos, o andamento da pesquisa e informar, a qualquer tempo, quando da ocorrência de imprevistos e imponderáveis que dificultem ou impossibilitem o trabalho.

10. Checar, por meio de visitas domiciliares ou contato telefônico, a aplicação de 500 (quinhentos) questionários realizados pela Empresa ganhadora.

Em junho de 2010, as atividades de monitoramento focaram as capacitações geral e regionais, e a partir de julho, de fato houve a dinâmica voltada ao acompanhamento da aplicação dos questionários. Havia a previsão que do monitoramento de oito meses, de junho de 2010 a fevereiro de 2011, porém, em dezembro de 2010, a pedido da empresa ganhadora, segundo informação da equipe da SENASP, as atividades foram interrompidas.

O planejamento dos deslocamentos para a realização do monitoramento acontecia mensalmente, embora a dinâmica cotidiana do monitoramento não sofresse alterações substanciais. A partir de julho, basicamente, o monitoramento seguiu a seguinte estrutura:

- Três dias de reunião em Brasília com a equipe da SENASP para definir cidades a serem monitoradas a partir do cronograma disponibilizado pelo Datafolha, e análise do campo no mês anterior;
- Três semanas nos estados (no meu caso, uma semana por estado);
- Uma semana na cidade de origem para elaboração do relatório.

Em julho, o monitoramento aconteceu apenas nas capitais, mas a partir de agosto foram incluídas as cidades do interior e região metropolitana, conseqüentemente o consultor teve que se deslocar para várias cidades no estado em uma semana. Isto porque priorizou o acompanhamento mensal da capital e o maior número de cidades possíveis, evitando com isto a repetição de cidades, o que nem sempre foi possível. A partir da definição das cidades tentou-se diversificar as pesquisadoras acompanhadas, o que também tinha limitação, pois ao focar na cidade, o acompanhamento ficou atrelado à equipe designada para a cidade, que na maioria das vezes era apenas uma pessoa ou um casal, desta forma, não havia a possibilidade de “escolha” da pesquisadora a ser acompanhada.

Informações imprecisas e ausência delas pela coordenação do Datafolha sobre as atividades do campo, conforme foi detalhado no item 4, gerou improvisos da coordenação regional que, em alguns casos, deslocou pesquisador para uma determinada cidade porque o consultor havia se programado para ir até esta. Invertendo a lógica, ao invés do consultor acompanhar o pesquisador, o pesquisador acompanhava o consultor.

Além dos problemas no planejamento, a falta de clareza sobre o papel do consultor e o monitoramento gerou atitudes nos pesquisadores de extremo nervosismo, que, em vários casos, atrapalhou a aplicação do questionário, e também fez com que pesquisadores evitassem atender ao telefone do consultor.

Um ponto positivo, foi que o monitoramento da aplicação dos questionários da PNV nas cidades do interior dos estados da Bahia, Minas Gerais e Pará possibilitou um primeiro mapeamento a cerca de como diferentes perfis de brasileiros compreendem o questionário e apreendem os conceitos contidos nele.

Um dos limites desta metodologia de monitoramento é a limitação na identificação de fraudes – ao realizar entrevista com pessoa do sexo diferente do entrevistado, e ao forjar entrevistas – pois como o foco foi o acompanhamento da aplicação do questionário, os princípios básicos – a entrevista ser realizada com pessoas do mesmo sexo e realizar de fato a entrevista – tinham que ser cumpridos.

Outro limite foi não conseguir identificar o “tempo” necessário para o fechamento de um setor censitário, devido a não poder acompanhar entrevistador do sexo diferente e ficar pouco tempo (um a dois dias) em cada cidade.

## 7.1. Recomendações

A metodologia de monitoramento através de consultores foi eficaz na identificação de problemas com a adoção de procedimentos definidos pela metodologia, falhas no planejamento da pesquisa, despreparo de pesquisadores, resistência a adoção das recomendações, dentre outros pontos. Porém, é possível ampliar o alcance do monitoramento.

Desta forma recomendo que o monitoramento da próxima edição contemple o acompanhamento quantitativo e qualitativo da PNV, com o objetivo de:

- Avaliar a competência técnica dos pesquisadores e coordenações regionais;
- Avaliar a viabilidade e observância da metodologia;
- Avaliar a aplicabilidade do questionário;
- Identificar os desafios a realização da PNV;
- Mapear o ritmo da pesquisa;
- Identificar o tempo médio e obstáculos recorrentes para a conclusão de setor censitário;
- Identificar a compreensão dos conceitos e categorias articulados no questionário, tanto pelos entrevistados quanto pelos entrevistadores.

Através dos seguintes instrumentos e técnicas:

- Observação *in loco* da realização da entrevista;
- Entrevista e grupo focal com pesquisadores e coordenadores regionais;
- Entrevista *in loco* com moradores que responderam ao questionário;
- Telefonema a moradores que responderam ao questionário (sem haver a presença do consultor);
- Planilha de projeção de metas e relatórios de acompanhamento mensal;
- Acompanhamento de setor censitário (abordagem de pesquisadores do sexo masculino e feminino, repasse de questionários, substituições, várias tentativas...);

É desejável que, a fim de evitar atritos e mal entendidos interinstitucionais, explicitar às empresas que se candidatarem a realização da PNV a existência de monitoramento e avaliação externos, bem como a necessidade de diálogo com a equipe de monitores acerca das recomendações de possíveis correções de rumo, com o propósito do aperfeiçoamento da pesquisa.

## 8. Considerações Finais

Há um relativo consenso entre pesquisadores e gestores que atuam na área da segurança pública sobre a contribuição das pesquisas de vitimização como recurso complementar para se conhecer as dinâmicas criminais, as circunstâncias e os envolvidos no crime (grupo vulnerável), além do sentimento de insegurança da população, sua percepção sobre os agentes e instituições de segurança pública. Embora, esta pesquisa tenha limites (como a subjetividade e memória do entrevistado ao descrever os acontecimentos), ela se configura em um instrumento útil para embasar a formulação de políticas públicas de segurança.

No Brasil, já foram realizadas 24 pesquisas de vitimização com distintas abrangências territoriais<sup>11</sup> por diferentes instituições ou órgãos. Em cada pesquisa foi adotada uma metodologia específica, o que impossibilita a construção de uma série histórica e a comparação entre os resultados das pesquisas. (Soares, Borges e Campagnac, 2008). A padronização da metodologia e a construção de uma série histórica a partir das pesquisas de vitimização têm se constituído em uma das principais reivindicações dos pesquisadores que defendem a importância das pesquisas de vitimização.

Neste sentido, a Pesquisa Nacional de Vitimização – PNV<sup>12</sup> foi idealizada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP do Ministério da Justiça com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, sendo contratado o Instituto Datafolha para realizar as entrevistas domiciliares no território brasileiro e sete consultores independentes o monitoramento externo e avaliação das atividades de coleta de dados da PNV, realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha.

Como integrante do grupo de consultores pude observar o processo de realização da pesquisa em campo. Em quatro estados (Acre, Bahia, Minas Gerais e Pará), foram por mim realizados:

- 68 acompanhamentos, sendo 42 pesquisadoras acompanhadas, 19 pesquisadoras foram acompanhadas mais do que uma vez;
- 83 setores acompanhados, sendo 11 visitados mais de uma vez;
- Acompanhamento de 112 aplicações de questionário;
- 41 cidades visitadas, 10 visitadas mais de uma vez.

---

<sup>11</sup> Destas 24 pesquisas, duas tiveram abrangência nacional, PNAD/IBGE em 1988 e Módulo da PESP em 2002.

<sup>12</sup> A PNV é uma pesquisa domiciliar por amostragem, representativa da população brasileira moradora em cidades com mais de 15 mil habitantes nas regiões de vitimização definidas pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. A PNV sorteou para as entrevistas homens e mulheres com 16 anos ou mais, moradores de uma das 300 cidades selecionadas, independente de terem sido vitimizados ou não.

De fato, ficou evidente que há necessidade de um maior cuidado com a coleta dos dados seja da identificação dos vieses da pesquisa, treinamento dos pesquisadores, construção do questionário, atuação do pesquisador em campo, participação da coordenação técnica ou forma de gestão da PNV. Abaixo a sistematização dos principais problemas:

- a) Gestão de projeto: as estratégias e cronogramas de pesquisa utilizados pelo Datafolha não são claros, transmitindo a sensação de que as ações são reativas a manifestação de insatisfação do cliente. Frequentemente houve informações erradas sobre as cidades em que a PNV estava sendo realizada.  
Sugestão: contratação de equipe gestora exclusiva para a PNV, apresentação de cronograma geral de trabalho e avaliação mensal do cumprimento das ações do projeto.
- b) Gestão de equipe: não há garantias da estabilidade mínima de uma equipe de campo, os pesquisadores fazem o seu próprio horário.  
Sugestão: contratação de coordenação local exclusiva para a PNV, mudança da relação trabalhista dos pesquisadores (atualmente os pesquisadores prestam serviço como autônomos), adoção de procedimentos de prestação de contas, avaliação e responsabilização sobre o trabalho.
- c) Despreparo de alguns pesquisadores: algumas pesquisadoras monitoradas não tiveram o desempenho plenamente satisfatório.  
Sugestão: Preparação de conteúdo específico para a re-capacitação, realização de re-capacitação e promoção de encontros periódicos entre os pesquisadores e coordenação regional para a troca de experiências.
- d) Dificuldade em compreender o mapa do setor censitário: recorrentemente, as pesquisadoras que vão abordar domicílios de setores censitários que não arrolaram, perdem muito tempo na localização dos endereços, pois não utilizam o mapa nem a folha de arrolamento como guia, pois não conseguem ler o mapa, optando por ficar perguntando aos transeuntes no bairro pela rua do domicílio sorteado.  
Sugestão: Treinamento específico *in loco* sobre localização a partir da leitura de mapa.
- e) Desrespeito à metodologia da pesquisa: algumas (poucas) pesquisadoras não seguiram intencionalmente a metodologia, comprometendo a coleta de dados.  
Sugestão: Advertência a exclusão das pesquisadoras.

- f) Falta de acesso aos edifícios de classe média a alta: a realização das entrevistas com moradores de edifícios tem sido um grande desafio para o pesquisador, que não conta com uma estrutura de apoio.  
Sugestão: criar uma equipe específica para fazer a intermediação com os edifícios com domicílios sorteados, antes da abordagem do pesquisador.
- g) Condições de trabalho: a ajuda de custo é insuficiente para a realização dos sucessivos retornos ao campo, conforme a exigência da metodologia. As diárias de viagem, no valor de R\$40,00, não cobrem os custos necessários de duas refeições, hotel e água, esta situação leva os pesquisadores a fazerem grandes economias se alimentando mal e se hospedando em lugares insalubres ou na casa de conhecidos. O colete de material sintético usado pelos pesquisadores retém calor, causando desconforto aos pesquisadores, sobretudo, da região norte do Brasil, aonde a temperatura é constantemente acima de 30°C.  
Sugestão: Aumento do valor da ajuda de custo, diária mínima de R\$59,00 e utilização de coletes de algodão.
- h) Dificuldade na compreensão do questionário: alguns perfis de entrevistadas, exemplo idosos sem escolaridade, têm extrema dificuldade de compreender as perguntas, algumas opções de respostas, termos e expressões do questionário.  
Sugestão: na PNV 2011, algumas perguntas devem ser reformuladas e contar com a revisão de profissionais especializado em educação de adultos e idosos.
- i) Ausência de material no campo: algumas pesquisadoras que recebem questionários dos pesquisadores têm ido a campo apenas com o endereço do questionário a ser realizado, não sendo disponibilizados a elas a folha de arrolamento e o mapa do setor censitário, o que dificulta a localização do domicílio sorteado, além de impossibilitar a substituição conforme o disposto no manual do pesquisador.  
Sugestão: disponibilizar, como fotocópia, a folha de arrolamento e o mapa do setor censitário.
- j) Clareza sobre os procedimentos da PNV: no último mês de monitoramento, foi identificada divergência entre as instruções passadas aos pesquisadores de campo por telefone pela equipe de São Paulo, daquelas dadas durante a capacitação em São Paulo e as regionais acompanhadas.  
Sugestão: registro escrito dos procedimentos da pesquisa, no caso de mudanças, informar, por escrito, as coordenações, justificando sua necessidade.

k) Vitimização e sentimento de insegurança entre os pesquisadores: Outro grave problema que apareceu foi a falta de segurança dos pesquisadores em campo, tanto no interior quanto na capital e região metropolitana. No Pará, três pesquisadores foram roubados e durante todo o tempo de acompanhamento da aplicação do questionário havia um clima generalizado de medo e tensão. Em Minas Gerais, a coordenadora regional relatou que os pesquisadores estão com medo de realizar entrevistas em lugares que tem a presença de traficantes armados nas ruas. Diante de tais fatos, não há um posicionamento oficial da coordenação do Datafolha, nem estratégias para “entrada” nestes locais, ficando a cargo do “bom senso” do pesquisador.

Sugestão: Abordagem preliminar da coordenação regional nos setores considerados pelos pesquisadores como perigosos. Isto se pode dar através de conversa e acordo com a associação dos moradores, igreja, clube da região visando o apoio e o esclarecimento dos moradores sobre a pesquisa.

Com essas recomendações espero o aperfeiçoamento da próxima edição da PNV, que é, sem dúvida, um instrumento importantíssimo para a formulação de políticas públicas na área de segurança pública.



## 9. Referência bibliográfica

SOARES, A. BORGES, D. CAMPAGNAC, V. *A pesquisa de Condições de Vida e Vitimização 2007: notas metodológicas*. IN DUARTE, S. (coord.) Pesquisa de condições de vida e vitimização de 2007. Série Análise Criminal v.2, edição 1, Rio de Janeiro, 2008.

ZALUAR, A. LEON, A. MONTEIRO, M. Vitimização: medos, mudanças e manipulações. Rio de Janeiro: Coleção Estudos da Cidade. Rio Estudos nº200. Maio de 2006.

## PARTE 2

## 10. A Construção dos Dados: desafios de uma pesquisa de vitimização em âmbito nacional

*Vejam esta maravilha de cenário  
É um episódio relicário  
(Aquarela brasileira, Silas de Oliveira)*

Há um relativo consenso entre pesquisadores e gestores que atuam na área da segurança pública sobre a contribuição das pesquisas de vitimização como recurso complementar para se conhecer as dinâmicas criminais, as circunstâncias e os envolvidos no crime (grupo vulnerável), além do sentimento de insegurança da população, sua percepção sobre os agentes e instituições de segurança pública. Embora, esta pesquisa tenha limites (como a subjetividade e memória do entrevistado ao descrever os acontecimentos), ela se configura em um instrumento útil para embasar a formulação de políticas públicas de segurança. (CARNEIRO, 2007; CATÃO, 2008; DUARTE, 2008)

No Brasil, já foram realizadas 24 pesquisas de vitimização com distintas abrangências territoriais<sup>13</sup> por diferentes instituições ou órgãos. Em cada pesquisa foi adotada uma metodologia específica, o que impossibilita a construção de uma série histórica e a comparação entre os resultados das pesquisas. (SOARES, BORGES e CAMPAGNAC, 2008). A padronização da metodologia e a construção de uma série histórica a partir das pesquisas de vitimização têm se constituído em uma das principais reivindicações dos pesquisadores que defendem a importância das pesquisas de vitimização.

Neste sentido, a Pesquisa Nacional de Vitimização – PNV<sup>14</sup> foi idealizada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP do Ministério da Justiça com o financiamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, que contratou o Instituto de Pesquisas Datafolha para realizar as entrevistas domiciliares no território brasileiro e sete consultores<sup>15</sup> o monitoramento externo e avaliação das atividades de coleta de dados da PNV, realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha.

---

<sup>13</sup> Destas 24 pesquisas, duas tiveram abrangência nacional, PNAD/IBGE em 1988 e Módulo da PESP em 2002.

<sup>14</sup> A PNV é uma pesquisa domiciliar por amostragem, representativa da população brasileira moradora em cidades com mais de 15 mil habitantes nas regiões de vitimização definidas pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI. A PNV sorteou para as entrevistas homens e mulheres com 16 anos ou mais, moradores de uma das 300 cidades selecionadas, independente de terem sido vitimizados ou não.

<sup>15</sup> Os consultores foram contratados a partir de edital público, com a exigência de requisitos mínimos: Graduação em Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Ciências Sociais, História, Psicologia ou Comunicação Social; Experiência mínima de 03 (três) anos na elaboração, implantação e monitoramento de Políticas Públicas;

Como integrante do grupo de consultores pude observar, entre os meses de junho a novembro de 2010, o processo de realização da pesquisa em campo. Em 23 cidades de quatro estados (Acre, Bahia, Minas Gerais e Pará), foram por mim realizados 68 acompanhamentos de pesquisadoras a 83 setores censitários<sup>16</sup>, nos quais foram aplicaram 112 questionários a moradoras. Algumas cidades, pesquisadoras e setores foram acompanhados mais de uma vez.

Este artigo foi elaborado a partir das observações e reflexões possibilitadas pelo acompanhamento da realização das entrevistas estruturadas para 1ª PNV, com o objetivo de pontuar os desafios na obtenção de dados para uma pesquisa de vitimização em diferentes contextos sócio-econômicos e culturais.

### Colocando o problema

O Instituto Interregional de Criminologia das Nações Unidas - UNICRI há décadas trabalha no aperfeiçoamento dos instrumentos e método de pesquisas de vitimização para ser aplicado em diferentes países. Acredito que um dos grandes desafios deste empreendimento foi a “tradução” dos conceitos e categorias para serem compreendidos da mesma forma em lugares diferentes, espera-se com isso a “coleta” de dados em diferentes países para que se possa compará-los.

Então, torna-se relevante uma reflexão sobre os dados produzidos pelas pesquisas de vitimização, partindo do pressuposto que mesmo sendo a PNV uma pesquisa quantitativa utilizando um questionário estruturado, o dado não está disposto para o pesquisador de campo, em vez disso, há experiências de vida e percepções sobre o mundo que são construídas como um dado no processo de interação entre pesquisador (com o questionário) e entrevistado, são os “processos de interação” com indivíduos em contextos sócio-econômicos e culturais distintos que vou focar para discutir a confiabilidade dos dados.

Até o preenchimento completo do questionário, há a primeira abordagem ao entrevistado, onde se “convence” o entrevistado e que, devido à metodologia ou por morar em prédios pode ser intermediado por outras pessoas, outro momento é a realização da entrevista utilizando o questionário, onde a performance do pesquisador e a compreensão das perguntas pelo entrevistado são fundamentais.

---

Experiência mínima de 03 (três) anos na realização de pesquisa quantitativa, preferencialmente na área de segurança pública.

<sup>16</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, “o setor censitário é a menor unidade territorial, com limites físicos identificáveis em campo, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do território nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do país”. (Soares, Borges e Campagnac, 2008, p.22)

## 1) A primeira abordagem: considerações sobre a realização da PNV em condomínios

Uma das dificuldades encontradas pelos pesquisadores foi o acesso aos moradores de domicílios sorteados em prédios com porteiros e/ou interfones. A dificuldade de acesso a esses moradores também foi sentida em outras pesquisas domiciliares, como o caso da Pesquisa Domiciliar de Vitimização realizada em 2005-2006, na cidade do Rio de Janeiro, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, que atribui a dificuldade ao medo e desinteresse na pesquisa.

Das 4000 pessoas inicialmente previstas, 3435 foram efetivamente entrevistadas devido ao medo e à indiferença de muito moradores, síndicos e porteiros de condomínios verticais ou horizontais. As dificuldades de acesso aos moradores foram muitas, desde a desconfiança de que os pesquisadores fizessem parte de quadrilhas de assaltantes até o desinteresse pelo problema da segurança coletiva. A maior recusa ao acesso ou a aceitar a entrevista deu-se na Zona Sul e na Barra da Tijuca, onde vivem as pessoas de escolaridade e de renda familiar mais alta, mas também as que mais sofrem furtos e roubos na cidade. (ZALUAR (coord), 2006, página 2)

Embora, para facilitar o acesso da PNV aos moradores de edifícios, fosse previsto suporte aos pesquisadores através da mobilização dos síndicos pela equipe de planejamento do instituto responsável por realizar a pesquisa, na prática, as pesquisadoras acompanhadas por mim, tiveram que adotar estratégias próprias para transpor as resistências também identificadas pela equipe da UERJ e realizar a primeira abordagem ao morador.

Em um setor censitário em Belo Horizonte, Minas Gerais, predominado por prédios de classe média a alta uma experiente e competente pesquisadora de campo me confidenciou “*gosto mais de abordar pessoas que moram em casas, pois há o contato direto, olho no olho, e isso facilita o convencimento para a realização da entrevista*”<sup>17</sup>, explicitando, com isso, que, para ela, não se tratava de ter dificuldade no acesso a pessoas da classe média e alta, devido ao status social e renda, mas era o distanciamento provocado pelas estruturas de prédio (interfone, porteiro, síndico, convenções internas) que trazia desafios à realização da pesquisa. Nos estados acompanhados, em um setor censitário composto por casas e prédios, era comparativamente mais fácil a abordagem as casas deste setor do que os prédios, se estes tivessem interfones e porteiros<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Trecho reproduzido de memória.

<sup>18</sup> Há a possibilidade de prédios com portarias abertas, nestes casos, as pesquisadoras se dirigiam diretamente a porta do apartamento sorteado.

Neste setor censitário, em Belo Horizonte, vivemos casos emblemáticos. Em um prédio, segundo o porteiro, a convenção interna impedia que pesquisadores interfonassem para os moradores para a realização de pesquisa com estes, exceção o Censo, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>19</sup>. Diante disso a pesquisadora deixou uma carta de apresentação que fornecia informações sobre a pesquisa, o porteiro “solidário” a pesquisadora, “deu um jeitinho” para “ajudar” a pesquisadora, adotando um procedimento informal para contornar a norma estabelecida pela convenção interna (BARBOSA, 2000), assim informou-a quais os apartamentos sorteados em que tinham moradores que aceitariam fazer a pesquisa por serem “legais”, disponibilizando-se a abordá-los na portaria do prédio quando estes passassem, só a partir do aval do morador, a pesquisadora poderia interfonar.

Em outro caso, houve a concentração de sete entrevistas em um edifício de classe média alta. A pesquisadora não conseguiu, pela segunda vez, conversar com morador de nenhum domicílio sorteado. Pois precisava que o porteiro explicasse a pesquisa ao morador antes de passar o interfone a ela, como o porteiro do dia era novato e pouco hábil, acabava abordando os moradores de uma forma confusa e tímida, assim ninguém ficou motivado a conversar com ela. Neste procedimento era necessário que este porteiro compreendesse a importância da realização da pesquisa e o que significa a pesquisa, para não se sentir “incomodando os moradores com um assunto chato” e com condições de explicar do que se tratava. Como o termo “vitimização” era pouco usado pelas pesquisadoras, mas também pouco usado por leigos, era comum porteiros simplificarem a abordagem para “*tem uma pesquisadora do Datafolha que quer fazer uma pesquisa sobre segurança, o senhor quer atender?*”.

Ou seja, se por um lado, nos dois casos descritos acima, a abordagem inicial feita por pessoas não qualificadas e não designadas para isso, contribuíam para as recusas e pedidos para que o pesquisador volte em outro momento. Por outro lado, porteiros “com jogo de cintura” mesmo sem explicar corretamente a pesquisa facilitavam o primeiro contato da pesquisadora com o morador.

Em Belém, no Pará, em setores censitários diferentes da capital com predomínio de prédios residenciais de classe média a alta, uma hábil pesquisadora encontrou porteiros “cooperadores” e outros não:

(...) Porém, encontrou dificuldades em “transpor” os porteiros, um, por exemplo, disse que não poderia interfonar, pois “*o proprietário havia acabado de chegar e estava tomando banho*”. (RELATÓRIO 2, página 37)

---

<sup>19</sup> A Lei n. 5.534, de 14 de novembro de 1968, dispõe sobre a obrigatoriedade de responder ao IBGE.

Neste setor censitário, há o predomínio de prédios residenciais. A entrevistadora teve a colaboração dos porteiros, pois os abordou de forma muito delicada, mas impositiva. Não os deixou explicar a pesquisa para o morador, disse com firmeza e brandura que ela mesma iria explicar do que se tratava a pesquisa para o morador, nesta abordagem incluía a explicação sobre a metodologia e foco da pesquisa. Também deixou carta de apresentação e cartão para todos os moradores (dos domicílios sorteados). (RELATÓRIO 2, página 40)

No primeiro caso, o porteiro, aparentemente, por conta própria, definiu que ela não iria fazer a pesquisa naquele prédio, mas não verbalizou esta decisão, mas agiu de forma a inviabilizar o contato dela com o morador. No segundo caso, os porteiros foram colaborativos através de uma primeira abordagem transmitindo segurança e confiança na pesquisadora para o morador e acataram a solicitação da pesquisadora para deixá-la explicar a pesquisa pelo interfone, com esses procedimentos a pesquisadora foi mais bem sucedida na abordagem inicial do que sua colega de Minas Gerais.

Em prédios com interfones sem porteiro havia dificuldade no acesso ao morador, mesmo com uma abordagem adequada pela pesquisadora, ocorrendo recusas.

De uma forma geral, segundo relato dos pesquisadores e coordenadores regionais, embora demorada e tendo um tema delicado, são poucos os casos de recusa “explícita” dos sorteados a realização da PNV. A maior dificuldade está na primeira abordagem, em encontrar um morador na residência. Quando os domicílios sorteados estão em edifícios, esta abordagem costuma ser mais difícil, pois, além do pesquisador ter que contar com a cooperação do porteiro (em edifícios que os têm), o não contato visual entre o entrevistador e o morador, faz com que este adie o encontro, solicitando que “volte mais tarde”, “no momento não posso atender”, “retorne outro dia”. A partir disto, podemos questionar, até que ponto isto não se constitui em uma “recusa educada”, uma recusa “implícita”. No caso da recusa explícita, o pesquisador pode, tão logo comunique a equipe de planejamento, realizar a substituição, mas no caso recusa implícita, estabelece-se uma situação híbrida, pois dependendo do tom de voz e forma como é dito podem ser compreendidos como a intenção do morador de não fazer a entrevista, mas isso não é verbalizado de forma literal, assim é necessário o retorno do pesquisador ao domicílio pelo menos mais duas vezes em dias e horários distintos. A postura do morador de não negar claramente a sua participação da pesquisa, atrasa o andamento da pesquisa como um todo.

A possibilidade da quantificação não pôde prescindir das relações pessoais e de solidariedade, valendo de uma gramática própria do universo relacional e de identificação ou reconhecimento da dignidade do trabalho de pesquisa. Assim, além da iniciativa individual e pessoal do porteiro de facilitar a entrevista, ouvimos as justificativas para a realização da pesquisa quando a primeira abordagem não era feita com

contato visual: “sou pesquisadora acadêmica”, “minha filha faz pesquisa”, “fiz pesquisa de opinião durante a graduação”, “não ia atender, mas olhei do elevador e vi que eram meninas de boa aparência”<sup>20</sup>.

## 2) A representação sobre o pesquisador

A realização na PNV coincidiu entre os meses de agosto a novembro com a realização do CENSO 2010, que contou com ampla divulgação nacional. Devido ao jaleco usado pelos pesquisadores do Datafolha do mesmo tom azul marinho dos recenseadores e a campanha nacional, não raro, moradores confundiram os pesquisadores da PNV com os recenseadores. Nestes casos, quando o domicílio já havia sido recenseado o morador estranhava a “nova” visita, porém, nos casos em que o pesquisador da PNV abordou o morador do domicílio antes do recenseador, este, falava que o estava esperando. Em todos os casos, os pesquisadores da PNV explicaram a diferença entre as duas pesquisas, mas, de uma forma geral, é possível afirmar que a campanha publicitária de conscientização sobre a importância da participação do CENSO 2010 contribuiu para o estabelecimento de um ambiente favorável à realização da pesquisa de vitimização, pois em muitos bairros criava-se uma expectativa em receber o pesquisador.

Em especial nas cidades do interior, o pesquisador da PNV foi percebido por moradores como sendo agente do governo federal “fiscalizando” o perfil social a fim de conceder ou retirar benefícios sociais de complementação de renda, como o bolsa-família.

Nestas cidades e em bairros periféricos das capitais, era comum perceber entre moradores que não queriam responder a PNV, responder como se fosse algo obrigatório. Algumas pesquisadoras explicaram que a participação na PNV era facultativa, mas como a remuneração dos pesquisadores foi por produtividade, nem sempre esta foi a atitude observada.

No meio do questionário, a entrevistada alegou que este mesmo questionário fora realizado com o seu irmão (que não morava na residência) no dia anterior, o que levou a pesquisadora a ligar para o pesquisador (que, naquela cidade, estava responsável por realizar as entrevistas com os homens) que confirmou o fato, acrescentando que ele havia se identificado como padrasto das crianças e que residia no local. A pesquisadora interrompeu a entrevista e ligou para o coordenador regional que a orientou a concluir a entrevista, para depois avaliar o acontecido. Ao final, a entrevistada que havia dito que era a única adulta morando naquela casa, identificou outra pessoa como chefe da família. É possível que a entrevistada tenha dado informação errada, por acreditar que a

---

<sup>20</sup> Trechos reproduzidos de memória.



pesquisa estava relacionada a benefícios sociais, de forma que uma mulher sozinha com seis crianças é mais provável manter ou ganhar benefícios sociais do que em uma residência constituída por um homem e uma mulher. Mas também é possível que no primeiro dia a entrevistada tenha falado que o homem morava naquela casa para não ter que responder ao questionário (e sendo este o sorteado para realizar a entrevista). (RELATÓRIO 5, página 38)

A PNV teve uma divulgação restrita aos sites oficiais e matérias sobre o seu lançamento, havendo um desconhecimento sobre a sua realização, exceção foi uma entrevistada, professora de 23 anos, moradora de Abaetetuba, no Pará, manifestou estar ciente da realização da PNV, os objetivos e instituições envolvidas.

### 3) Realização das entrevistas

A obtenção de dados para uma pesquisa de vitimização demanda que o pesquisador questione o entrevistado sobre a sua rotina, estrutura e hábitos de segurança e relação com a sua vizinhança, sobre a sua intimidade. As temáticas observadas na pesquisa de vitimização – violência, crime, credibilidade das instituições de segurança pública, sentimento de insegurança – são temas delicados que devem ser tratados com prudência pelo pesquisador tanto para garantir o estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisador e entrevistado quanto para assegurar que o entrevistado está compreendendo o que está sendo perguntado.

Importante ressaltar que não há uma definição exclusiva nem percepção consensual sobre o que é violência, não sendo a “violência” um conceito sociológico. Alba Zaluar, ao sistematizar, em 1999, a produção das ciências sociais sobre violência afirmou:

“Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente. As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor dos seus efeitos maléficos, seja em termos de sofrimento pessoal ou dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta. Além de polifônica no significado, ela também é múltipla nas suas manifestações. Do

mesmo modo, o mal a ela associado, que delimita o que há de ser combatido, tampouco tem definição unívoca e clara. Não é possível, portanto, de antemão, definir substancialmente a violência como positiva e boa, ou como destrutiva e má” (p.8)

A percepção da ação classificada como violência varia histórica e socialmente. O que vai influenciar tanto o pesquisador quanto o entrevistado nesta questão.

A entrevistada declarou que sofria ofensa verbal diariamente de sua avó, porém a pesquisadora teve dúvidas de como declarar esta informação, pois considerou que seria um “xingamento normal” entre avó e neta. A entrevistada também alegou que sofria “amedrontamento e perseguição” por uma vizinha, a pesquisadora quis se certificar que o fato descrito era realmente “perseguição”, definindo-o como “quando alguém fica caminhando atrás da pessoa quando está andando pelas ruas”. No bloco sobre “agressões ou ameaça”, as perguntas 106 a 108 foram respondidas pela própria entrevistadora a partir da informação inicial que a autora da ofensa verbal era a avó da entrevistada. (mulher, 33, Santo Amaro/BA) (RELATÓRIO 4, página 10)

No caso descrito acima, embora a pesquisadora tenha registrado como ofensa verbal o que considerou como “xingamento normal”, cumprindo o procedimento não estava confortável com aquele registro, e a definição pessoal dada ao termo “perseguição” reduziu o significado do termo.

Além de temas sensíveis, em particular para quem foi vitimizado, a realização da PNV nos centros urbanos e fora deles e com mulheres vários níveis de escolarização, deu condições de perceber que nem todas as categorias utilizadas para tipificar ações criminais e de violência fazem parte do vocabulário dos brasileiros, não sendo “naturalmente” compreendidas.

Tanto entrevistadas quanto entrevistadoras mostraram desconhecimento sobre conceitos fundamentais na gramática da vitimização: fraude; estelionato; asfixia; amedrontamento; perseguição; discriminação, preconceito e divergência de opinião; polícia civil e polícia militar; roubo e furto.

As categorias “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual” se revelaram desconhecidas por algumas mulheres entrevistadas em particular idosas e com pouca ou nenhuma instrução, sendo que os complementos explicativos das opções de resposta não são diretos, não ajudando a esclarecer, porém, elas não aceitaram dar a resposta “não sei”, insistindo na compreensão. Ao contrário de outras perguntas que quando suscitavam dúvidas ou não eram compreendidas não raro a entrevistada optava pela resposta “não sei” em vez de tentar compreendê-la, na pergunta sobre orientação sexual, as

entrevistadas não queriam deixar de responder, embora algumas tivessem dificuldade de como se classificar. Conforme os exemplos abaixo:

A entrevistada não compreendeu a P8<sup>21</sup>, sobre orientação sexual, enfatizando que tinha “*uma relação normal*” (mulher, 69 anos, Araci/BA) (RELATÓRIO 5, página 36)

Na pergunta P8, a entrevistada não compreendeu as opções de resposta, o que fez com que a pesquisadora falasse “heterossexual, relação entre homem e mulher”. (mulher 29 anos, Araci/BA) (RELATÓRIO 5, página 37)

A entrevistada não compreendeu as opções da pergunta P8 (sobre orientação sexual), o que levou a entrevistadora repetir várias vezes a pergunta, por fim a entrevistada respondeu “bissexual”, porém aparentando não ter clareza sobre o significado da categoria. (mulher, 27 anos, Rio Branco/AC) (RELATÓRIO 3, página 34)

A entrevistada não gostou de ser perguntada sobre a orientação sexual, respondendo “*eu sou uma mulher normal*”, o que a pesquisadora classificou como sendo heterossexual. (mulher, 58 anos, Ananindeua/PA) (RELATÓRIO 4, página 28)

A entrevistada não compreendeu as opções de resposta da pergunta P8 (sobre orientação sexual), explicando que “*minha relação é normal, não faço a mínima idéia. Sou uma mulher normal, não tenho esses problemas aí*”. (mulher, 58 anos, Itabira/MG) (RELATÓRIO 6, página 17)

Presenciei mulheres afirmando serem bissexual ou homossexual e narrarem histórias e estrutura familiar que refletia uma relação heterossexual. É importante atenção no impacto da má compreensão desta pergunta, pois indica que haverá um número maior de pessoas cuja orientação sexual é homossexual e bissexual.

---

<sup>21</sup> Abaixo a pergunta P8:

P.8. Em relação à orientação sexual, o(a) Sr(a) diria que é : **(LEIA ATÉ A INTERROGAÇÃO) (LEIA DEVAGAR)**

- 1 **heterossexual**, isto é, alguém que só tem relações sexuais com pessoas de sexo diferente do seu,
  - 2 **homossexual**, ou seja, alguém que só tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo que o seu, ou
  - 3 **bissexual**, alguém que tem relações sexuais tanto com pessoas de sexo diferente quanto com pessoas do mesmo sexo que o seu?
- 96 Não tem relações sexuais
- 97 Não Respondeu

Outro ponto que merece atenção é a confusão entre cidade/município/região metropolitana/estado/zona urbana que entrevistadas que moram na região metropolitana, que moram em bairros não centrais em cidades do interior ou que moravam na zona rural e se mudaram para a zona urbana. Foi identificado também, dificuldade de pesquisadores com estes termos.

Na P4, que pergunta se a moradora sempre morou na cidade, a entrevistadora considerou inicialmente o Pará, depois “esta região do Belém”, sendo que a entrevista estava acontecendo no município de Ananindeua (região metropolitana). (mulher, 63 anos, Ananindeua/PA) (RELATÓRIO 4, página 26)

Não raro, a incompreensão a pergunta ou algum conceito contido nela pela entrevistada não foi notada ou não foi considerada pela entrevistadora.

Após a entrevista ficamos conversando sobre a reação da entrevistada e observamos que ela tendeu a responder “concordo” ou “discordo” na questão 171, a partir da idéia principal da afirmação, desconsiderando se a frase estava na afirmativa ou negativa. A entrevistada também não compreendeu as opções sobre orientação sexual. Na P145, a entrevistada não compreendeu se era para ela tomar providência, os vizinhos ou ambos. Não compreendeu o sentido de “valores”, na frase “em geral, nesta vizinhança não compartilham os mesmos interesses, objetivos e valores”. (mulher, 43 anos, Sete Lagoas/MG) (RELATÓRIO 4, página 18)

É necessário destacar que pesquisadoras que primavam pela coleta dos dados, tinham que deixar pelo ritmo da entrevistada, conforme o exemplo descrito abaixo, o questionário previsto para ser realizado em 45 minutos, foi realizado em 1h 16 minutos.

A segunda entrevista foi realizada com uma senhora de 70 anos com pouca instrução. (...). Ela (pesquisadora) foi muito criteriosa na aplicação do questionário, e muito sensível e paciente a dificuldade da entrevistada na compreensão de várias perguntas, em especial as que exigiam algum grau de abstração como a P140 a P151. Não compreendeu as opções de resposta da pergunta P8 (sobre orientação sexual), também teve dificuldade na compreensão de algumas palavras utilizadas no enunciado como: fraude, estelionato e discriminação. (mulher, 70 anos, Bragança/PA) (REALTÓRIO 3, página 6)

Conforme o caso acima ilustra, perguntas que exigem reflexão são de difícil apreensão para pessoas idosas e com pouca instrução, bem como algumas opções de respostas, termos e expressões do questionário. Exigindo um pesquisador treinado para lidar com esta situação bem como a revisão do questionário para formulações de perguntas facilmente compreendida por qualquer perfil.

#### 4) Considerações finais

Este artigo buscou focar em dois momentos fundamentais na construção dos dados da PNV: a primeira abordagem e a realização da entrevista.

A interação entre pesquisador e entrevistado é crucial para o aceite deste participar da entrevista. Porém, em condomínios com porteiros e/ou interfones esta interação exige a intermediação de outras pessoas, que podem facilitar ou não a primeira abordagem, independente de haver uma norma escrita vetando a realização de pesquisas naqueles espaços. Nestes casos, a gramática de favores se estabelece, são as relações entre pessoas que predominam, como uma expressão de solidariedade a “alguém que está trabalhando”, independente de reconhecer a importância e aplicabilidade da pesquisa. Se o objetivo é criar uma tradição de pesquisa nacional de vitimização, é fundamental construir o compromisso dos condomínios com a realização da PNV, dando suporte estratégico aos pesquisadores e padronizando procedimentos, a exemplo do CENSO 2010.

Por outro lado, em cidades do interior e bairros periféricos, o pesquisador da PNV foi confundido com recenseadores do CENSO 2010 e agente do governo vinculado a programas assistenciais de complementação de renda, no primeiro caso, criava-se uma expectativa para receber o pesquisador, e quando a residência já havia sido recenseada um estranhamento pelo morador, mas no segundo, os pesquisadores foram visto com desconfiança, pois poderiam representar a perda de algum benefício, podendo gerar no entrevistado o “controle” da informação.

O segundo momento importante de interação entre pesquisador e entrevistado é a realização da entrevista, quando a forma com o pesquisador se representa para o entrevistado (GOFFMAN, 2004), o domínio do questionário e a adoção dos procedimentos são essenciais para a construção de dados confiáveis.

Os temas que envolvem a realização da PNV são delicados, necessitando de um ambiente adequado à realização da entrevista, bem como um pesquisador particularmente atento a apreensão dos conceitos utilizados e a compreensão das perguntas pelos entrevistados.

Fundamental para o aprimoramento da PNV é repensar a capacitação dos pesquisadores de campo. O treinamento atual – durante dois dias e no formato de aula expositiva com conteúdo informativo – se mostrou insuficiente para formar pesquisadores com as características necessárias para a realização do trabalho de campo. Sendo necessário investir em dinâmicas interpessoais e reflexão sobre os temas abordados pela PNV, avaliando a capacidade técnica do pesquisador na apresentação da pesquisa, domínio da metodologia, compreensão das perguntas do questionário e apreensão dos conceitos.

Igualmente é importante a revisão do instrumento (questionário tipo 1), considerando que ele deve ser compreensível a diferentes perfis, sendo apropriado a orientação de especialistas em educação de adultos na formulação e validação das perguntas.

O questionário contém perguntas que são facilmente compreendidas por moradores de centros urbanos, mas é importante problematizar até que ponto elas retratam a vitimização e relações entre vizinhos nas cidades do interior. De fato, que é necessário aprofundar a análise sobre a receptividade, percepção e reação dos entrevistados nas cidades do interior, com a finalidade de buscar subsídios para analisar a viabilidade de um formato de uma pesquisa nacional sobre vitimização, que descreve a identificação de sentimento de segurança e interação social a partir de comportamentos associados a um estilo de vida e escalas encontrados em metrópoles.

## 5) Referências

BARBOSA, Livia. Jeitinho Brasileiro.

BARBOSA, Livia, GOMES, Laura Graziela e DRUMMOND, José. (org). O Brasil não é para principiantes: carnavais, malandros e heróis 20 anos depois. Ed FGV, Rio de Janeiro, 2001.

CATÃO, Yolanda. *Pesquisa de vitimização: notas metodológicas*. IN Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo, Ano2, 2008, 82-7.

CARNEIRO, Leandro Piquet. *Pesquisas de Vitimização e Gestão da Segurança Pública*. IN São Paulo em Perspectiva, volume 21, nº1, SEADE, São Paulo, janeiro – junho 2007, p. 60-75.

DUARTE, Mario Sérgio de Brito (coord.). Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização de 2007. Série Análise Criminal, volume 2, Rio de Janeiro, 2008.

GOFFMAN, Erving. Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis, Editora Vozes, 12 edição, 2004.

PINTO, Paulo Gabriel H. R. Práticas Acadêmicas e o Ensino Universitário. Uma etnografia das formas de consagração e transmissão do saber na universidade. EDUFF, Niterói, 1999.

SOARES, A. BORGES, D. CAMPAGNAC, V. *A pesquisa de Condições de Vida e Vitimização 2007: notas metodológicas*. IN DUARTE, S. (coord.) Pesquisa de condições de vida e vitimização de 2007. Série Análise Criminal v.2, edição 1, Rio de Janeiro, 2008.

ZALUAR, Alba. *Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização*. In São Paulo em perspectiva, 13(3), 1999, p3-17.

ZALUAR, Alba (coord.). Relatório Final: Pesquisa Domiciliar de Vitimização na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UERJ/IPP, 2006.

ZALUAR, A. LEON, A. MONTEIRO, M. Vitimização: medos, mudanças e manipulações. Rio de Janeiro: Coleção Estudos da Cidade. Rio Estudos nº200. Maio de 2006.